



mensal | abril de 2021 | nº 10 | ano 27



[sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae)

revistae@sescsp.org.br

Distribuição gratuita

Venda proibida

ISSN 2179907-5
00313
9 772179 907008

DE FORA PARA DENTRO | PELAS CRIANÇAS | ENCONTROS AMERÍNDIOS | MARILENA ANSALDI | LEONARDO BOFF
| NÉLIDA PIÑÓN | CULTURA EM GESTÃO | CAÊ GUIMARÃES | TOM ZÉ | CAETANO VELOSO | REGIANE GALANTE

sesc

75 ANOS

INS

PI

RA

ações para
uma vida
saudável

**De 7 a 18 de abril,
nas redes sociais do Sesc São Paulo**

Palestras, bate-papos e oficinas
trazem reflexões sobre a saúde mental
nos campos do trabalho,
da sociedade e do indivíduo

**Acompanhe a programação em
sescsp.org.br/inspira**

11 294 336
petite



Nous ex
qu'el
sion
de l'oc
entre
é que
ão fa
do s





Noedy Urbani

IMAGEM DA CAPA

A capa desta edição é uma foto de porta-máscaras e pochetes produzidas por costureiras da comunidade da Vila Prudente, na capital paulista, a convite da equipe do Sesc Ipiranga, numa ação do projeto Tecido Solidário. A ação promove o trabalho comunitário e a geração de renda, por meio do envolvimento de iniciativas sociais na confecção de máscaras artesanais de tecido para doação a instituições sociais. Conheça mais em: www.secsp.org.br/tecidosolidario

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

Um pacto pela promoção do bem-estar

O Sesc – Serviço Social do Comércio nasceu em 1946 numa iniciativa do empresariado do setor para promover o bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares, bem como de toda a comunidade. No contexto do fim da Segunda Guerra e dos esforços mundiais de se estabelecer um novo pacto social, esse grupo visionário dava os primeiros passos para a construção de uma sólida ação amparada na promoção da qualidade de vida da população por meio de programações nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, do turismo, da saúde e alimentação.

Em 2021 o Sesc celebra 75 anos dessa bem-sucedida e ininterrupta ação com forte presença em todo o estado de São Paulo com seus centros culturais e esportivos. Além disso, desde março do ano passado, com a pandemia de Covid-19, tem ampliado suas programações nos meios digitais, com apresentações de música, dança e teatro; aulas e vivências esportivas; e debates sobre os mais diversos temas, e intensificou sua ação no programa Mesa Brasil de distribuição de alimentos. Compreendendo os desafios do tempo atual, segue presente no cotidiano da população, ampliando seu alcance, ultrapassando fronteiras e seguindo no propósito que motiva sua atuação desde sua criação.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

A importância do lazer

O distanciamento físico e a restrição de circulação necessários para conter a Covid-19 nos levaram a pensar novas práticas e hábitos para nos manter conectados ao lazer. Assim, atividades têm sido adaptadas e outras, criadas ou redescobertas para aproveitar o tempo livre em segurança, com qualidade, promovendo benefícios à saúde e ao bem-estar. Reportagem desta edição da **Revista E** relata algumas dessas experiências e traz dicas e reflexões sobre a importância do lazer, ainda que momentaneamente restrito ao ambiente doméstico.

Na seção *Encontros*, o músico Tom Zé relembra sua carreira como artista plural e celebra a publicação de sua biografia escrita pelo autor italiano Pietro Scaramuzza e lançada pelas Edições Sesc São Paulo. Em *Depoimento*, o filósofo Leonardo Boff convida a reconstruir a sociedade pós-pandemia pelos parâmetros do amor e da solidariedade. A escritora Nélda Piñon fala, em *Entrevista*, sobre seu processo de criação de personagens viscerais. Na matéria *Gráfica*, a diversidade presente nas produções artísticas de povos indígenas da América. E ainda *Perfil* da bailarina Marilena Ansaldi, de quem nos despedimos em fevereiro passado. Em *Inéditos*, conto de Caê Guimarães, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2020. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo

SUMÁRIO



Acervo Nélda Piñon

Em **ENTREVISTA**, a premiada escritora e imortal da Academia Brasileira de Letras **NÉLIDA PIÑON** fala sobre novo romance, memórias e literatura **10**



Phobay

Se antes o ambiente externo concentrava a maior parte das atividades do tempo livre, neste momento o **LAZER VEM PARA DENTRO** e se adapta a novas possibilidades **18**



Gerson Zanini

No **PERFIL**, a linguagem híbrida e o legado artístico da bailarina e coreógrafa **MARILENA ANSALDI** **26**



Raven Warrior (Corvo guerreiro), 2007. Povo Tshilob, Alano Echarza, impressão sobre papel / Divulgação

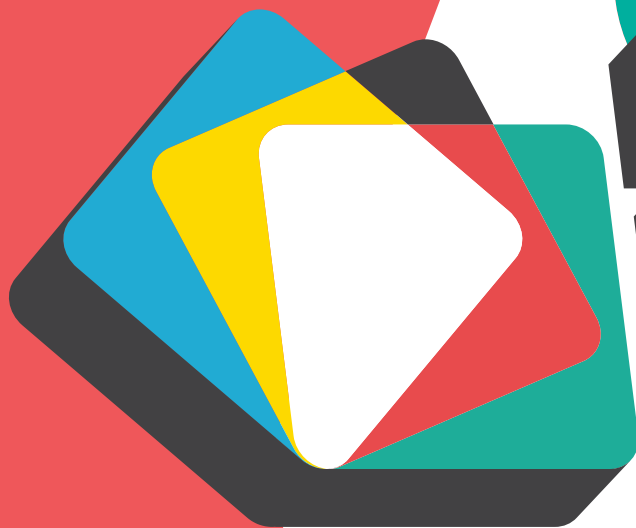
Na **GRÁFICA**, a confluência de temas e a resiliência de povos indígenas em obras que compõem **ENCONTROS AMERÍNDIOS** **32**



Renata Teixeira

Que alternativas e reflexões fazer a partir da necessidade de isolamento doméstico e educação remota quando falamos de **INFÂNCIAS NA PANDEMIA** **46**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA CULTURA EM GESTÃO	52
ENCONTROS TOM ZÉ	58
DEPOIMENTO LEONARDO BOFF	64
INÉDITOS CAÊ GUIMARÃES	68
ALMANAQUE PAULISTANO	72
P.S. REGIANE GALANTE	76



DIA 16.04.2021 MUNDIAL DO LAZER

O LAZER COMO UM DIREITO SOCIAL E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA COTIDIANA.

Uma iniciativa da Organização Mundial do Lazer,
com coordenação do Centro de Excelência em Estudos do Lazer (USP)
em conjunto com Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer e Sesc.

#DiaMundialdoLazer
#LazerParaUmaVidaMelhor
#WorldLeisureDay
#WLDay

Informações e programação em
 @worldleisureday

Iniciativa



Coordenação



Olhar para si

A QUARTA EDIÇÃO DO PROJETO *INSPIRA – AÇÕES PARA UMA VIDA SAUDÁVEL* PÕE EM DESTAQUE O AUTOCONHECIMENTO COMO FORMA DE MANTER O EQUILÍBRIO E O BEM-ESTAR

Como você está? Esse questionamento tão comum e direcionado ao outro também precisa ser feito para si. A prática do autoconhecimento e a checagem do próprio bem-estar tornaram-se essenciais na pandemia. Neste momento em que crises de ansiedade, insônia, desconcentração e outros sintomas assolam a população, a quarta edição do projeto *Inspira – Ações para uma Vida Saudável* propõe uma série de atividades online que destacam o autoconhecimento como exercício para uma vida equilibrada e saudável.

Realizado nas redes sociais das unidades do Sesc São Paulo, de 7 a 18 de abril, o projeto, que surgiu para celebrar o Dia Mundial de Saúde (7/4), traz neste ano reflexões sobre a saúde mental nos campos do trabalho, da sociedade e do indivíduo. Dessa maneira, o *Inspira* dá continuidade a algumas questões levantadas na edição passada, realizada nos primeiros meses de incertezas causadas pelo enfrentamento da pandemia.

“Passamos por transformações significativas no campo das relações humanas, por isso a saúde mental é um fator essencial para a busca do equilíbrio de nossas ações e reações nos desafios causados pela pandemia. Nesse sentido, a quarta edição do projeto incentiva a busca cotidiana pela melhora da qualidade de vida e do bem-estar”, explica Fernando Andrade Oliveira, assistente da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc São Paulo.

Acesse a programação: www.sescsp.org.br/inspira

PASSAMOS POR TRANSFORMAÇÕES SIGNIFICATIVAS NO CAMPO DAS RELAÇÕES HUMANAS, POR ISSO A SAÚDE MENTAL É UM FATOR ESSENCIAL PARA A BUSCA DO EQUILÍBRIO DE NOSSAS AÇÕES E REAÇÕES NOS DESAFIOS CAUSADOS PELA PANDEMIA

FERNANDO ANDRADE OLIVEIRA, assistente da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc São Paulo



MATRIARCADO EM CENA

Espectáculo inédito criado pela atriz Camila Pitanga, pela preparadora vocal Lucia Gayotto, pela dramaturga e roteirista Dione Carlos e pela diretora Cristina Moura abriu a nova temporada de transmissões ao vivo do Teatro #EmCasaComSesc, em março. Pensada como um poema cênico musical performático, *Matriarquia [em processo]* começou a ser desenhada durante a pandemia após Camila e Lucia assistirem pela televisão a notícias sobre os profissionais de saúde no combate à Covid-19. Em cena, a atriz, acompanhada do musicista Luiz Gayotto, interpreta a agente de saúde Stela: uma mulher que, submetida a um constante estado de vigília, passa a ter delírios auditivos, reencontrando a própria mãe em suas memórias e dialogando com a filha. Assista ao espetáculo no canal do YouTube do Sesc São Paulo: www.youtube.com.br/sescsp.



Rodrigo Pinheiro e Gal Cipreste Marneili

ESPORTE: FEMININO E PLURAL

Realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo (CPF), o curso *Mulheres na Gestão do Esporte* abrange um ciclo de encontros online disponibilizados semanalmente, desde março, com a participação de gestoras, atletas, professoras e outras profissionais da área. Composto por cinco mesas de debate, que se encerram neste mês, o curso trata de aspectos históricos, sociais e das experiências de vida sobre o acesso e a permanência de mulheres nos cargos de comando no esporte, tendo como objetivo fortalecer as discussões que perpassam as relações das gestoras, suas carreiras e a legitimação da identidade feminina em diferentes enfoques de atuação na gestão esportiva. Entre as palestrantes estão a tetracampeã mundial de Natação Paralímpica Edênia Garcia, presidente do Conselho Fiscal do Comitê Paralímpico Brasileiro; Flávia da Cunha Bastos, fundadora da Associação Brasileira de Gestão do Esporte; Janeth Arcain, atleta brasileira que mais possui títulos do basquete brasileiro e a única tetracampeã da WNBA; e Maria Luiza Souza Dias, gerente de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc São Paulo.

CULTURA EM MOVIMENTO

Abraçando as transformações deste momento, a 24ª edição do Cultura Inglesa Festival (CIF) realizou o CIF Talks em parceria com o Sesc São Paulo. Em sua primeira edição digital, sob o conceito “Culture (Re)Start” como elemento-chave e estopim para reflexões, o festival proporcionou uma troca de experiências entre membros de comunidades culturais locais e internacionais.

Participaram do evento transmitido pelo canal do YouTube do CPF Sesc SP, entre os dias 22 e 27 de março, Andrew Barnett, diretor da Fundação Calouste Gulbenkian no Reino Unido, que foi o diretor fundador da Social Innovation Exchange (SIX), Danilo Santos de Miranda, diretor regional do Sesc São Paulo, Itamar Vieira Junior, vencedor do prêmio Jabuti de literatura com *Torto Arado* (2020), Preto Zezé (foto), presidente da Cufa (Central Única das Favelas) e representante da Cufa Global, entre outros convidados.



Fernanda Saury

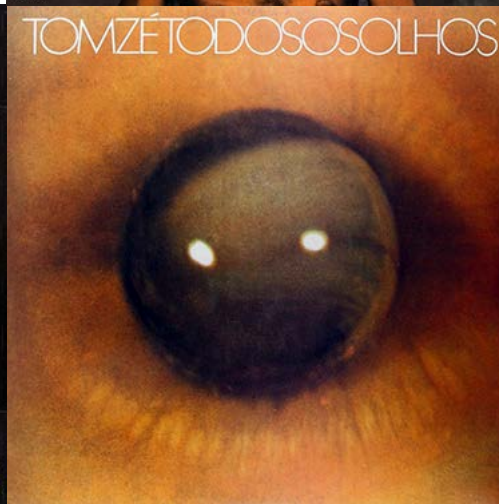
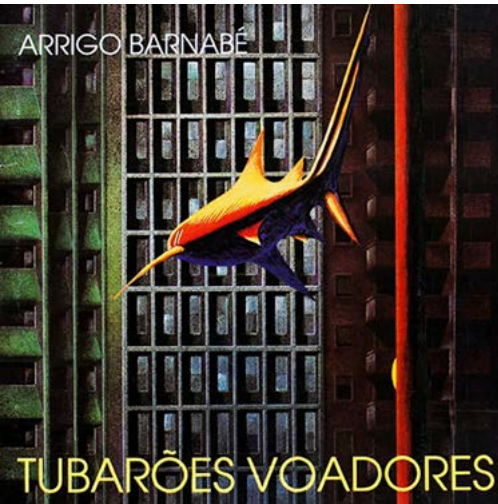
ARTE E DIREITOS HUMANOS

Com o intuito de fomentar reflexões entre linguagens artísticas e a prática dos Direitos Humanos, compreendida como um cotidiano pautado pelo respeito às diversidades, o *DH Fest – Festival de*

Cultura em Direitos Humanos apresentou, em março, 36 filmes, quatro performances musicais e um ciclo de debates. O Sesc São Paulo participou da realização desta primeira edição em parceria com Pardieiro Cultural e Instituto Vladimir Herzog, e com o apoio dos Jornalistas Livres e Coletivo Projetemos. A programação online e gratuita colocou em pauta uma multiplicidade de saberes, tradições, crenças, comportamentos e manifestações culturais presentes na sociedade.



Para Onde Voam as Feiticeiras / Divulgação



Imagens: Divulgação

Em comemoração a uma década do “Álbum”, um dos principais projetos musicais do Sesc Belenzinho, no dia 13/4, a unidade lançará gratuitamente em seu ambiente online a publicação digital *Projeto Álbum 10 Anos: Discos para Conhecer*. O material reúne 12 textos inéditos de escritores, críticos e pesquisadores da área cultural com informações e curiosidades sobre discos raros da música brasileira, como *Tubarões Voadores*, de Arrigo Barnabé, e *Cabeça Dinossauro*, dos Titãs.

Confira em www.sescsp.org.br/belenzinho.

FRUIÇÃO CULINÁRIA

Reflexões sobre comida, saúde, comensalidade, diversidade e mulheres na cena gastronômica dão tempero à websérie *Cozinha de Estar*, realizada pelo Sesc Avenida Paulista. No primeiro episódio, quem fala sobre o tema Cozinha e Maternidade é a chef Mari Sciotti, destacando os benefícios de uma alimentação saudável e a importância de compartilhar com os filhos o conhecimento e preparo da comida. Já no segundo episódio, que aborda Cozinha e Feminino, é a vez da cozinheira autodidata Cafira Foz (*foto*) compartilhar sua história na gastronomia, desafios, a formação de uma equipe de mulheres, além da preservação de ingredientes regionais. No terceiro episódio, a chef Ieda de Matos fala de empreendedorismo movido pela cozinha de resgate da Chapada Diamantina. No quarto episódio, a chef Telma Shiraishi é a mobilizadora de uma cozinha solidária para os mais vulneráveis em tempos de pandemia. Assista no portal do Sesc São Paulo:

www.sescsp.org.br/avenidapaulista.



Julia Papulov



Fotos: Acervo Nélda Piñón



A palavra a galope

UM DOS MAIS IMPORTANTES NOMES DA
LITERATURA FALA SOBRE NOVO ROMANCE,
PERSONAGENS VISCERAIS E COMO
NUTRE A IMAGINAÇÃO

A constatação que qualquer um faz ao ouvir a escritora Nélida Piñon falar sobre episódios de sua vida é a de que há literatura por trás da literatura. Para além dos escritos da primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL), e primeira brasileira a receber o Prêmio Príncipe de Astúrias pelo conjunto da obra, estão paisagens e personagens da biografia de Nélida. Caberiam num romance seus enredos de infância, quando na aldeia da avó em Galícia, na Espanha, guiava vacas e ovelhas pela montanha; ou frequentava óperas e balés no Theatro Municipal do Rio de Janeiro acompanhada pela mãe, Carmen Piñon; ou mais recentemente, há quinze anos, quando adiou a pesquisa que lhe conduziria ao recém-lançado romance *Um Dia Chegarei a Sagres* (Record, 2020), pela impossibilidade, na época, de passar um ano em Portugal apartada de Gravetinho, seu cachorro de estimação. Acumuladora de saberes diversos, como ela própria diz, Nélida conta nesta *Entrevista* como esse arcabouço de vivências e memórias tornou-se referência para suas obras literárias. Em seu apartamento na Lagoa, no Rio de Janeiro, tendo ao colo a cachorrinha Pilara, a autora de *Vozes do Deserto* (2005), nomeada embaixadora ibero-americana da cultura, fala sobre o novo livro, a criação de personagens, finitude e, principalmente, o gosto pela palavra. “Eu não obedço a um requinte erudito. Nem pensar. Quando eu eventualmente uso uma palavra, é porque ela está ali à minha disposição. Ela aparece e eu pego. Ela passou a cavalo e eu monto nela, não uso dicionário”, compartilha.

Como nutre sua imaginação?

A imaginação é uma coisa muito interessante. A gente pensa que vem de graça. No início, você herda aquilo que tem, da sua casinha, da sua família, da sua comidinha. Isso é matéria da sua imaginação. Mas aí você cresce e se você, ao crescer, vai ampliando a sua sensibilidade sociológica, musical, literária, a sensibilidade da sua mirada, de tudo que você olha na frente e atrás – porque você tem que ser camaleônica, 360 graus, entendeu –, você vai ampliar os estatutos da sua imaginação. E, tem mais, se você, a partir de uma certa idade, um jovem ou uma jovem escritora, não continua no exaustivo trabalho de alimentar a imaginação, ela fenece, ou fica muito exígua. Ela fica pequena. Eu, até hoje, na minha idade, na minha circunstância, eu não faço outra coisa senão alimentar minha imaginação com tudo. Sou de uma variedade de saberes que eu própria fico impressionada. Mas, por quê? Porque eu me devoto a esse exercício. A imaginação não pode ser abandonada. A imaginação não é mecânica, ela é orgânica. Ela precisa de amparo do seu olhar, de sua sensibilidade e da sua decisão de dar vida, dar mingau, dar cerveja, dar vinho a sua imaginação.

Em *Um Dia Chegarei a Sagres*, há uma imagem bonita dos três relógios, e a ideia do tempo perpassa todo o livro como algo poético, filosófico, e ao mesmo tempo dolorido pela questão da finitude. Poderia falar um pouco sobre esse aspecto?

O relógio pauta a vida do Mateus na sua narrativa, de certo modo, mesmo que ele não apareça ao longo da história, nem se explique em que momento ele terá adquirido aqueles relógios com o pouco dinheiro que ele tinha, não havia necessidade. A narrativa nem sempre cobre todos os buracos da história, não é possível, senão você escreveria oito volumes. Mas, ao mesmo tempo, eu faço uma pequena homenagem ao imperador Carlos V. A noção do tempo é muito bem encarnada nos relógios na parede. Ele vai ficar vendo a sua pobreza, nos seus possíveis anos finais, a marca do tempo. Como o tempo é implacável para todos nós. Então, penso que, de algum modo, quando se narra o livro, o tempo está embutido firmemente na própria narrativa. À medida que você vai avançando e retrocedendo – porque é um jogo de tempo, o que me deu muito trabalho, essa alternativa temporal –, a marca do tempo, que nem sempre eu ponho, por exemplo, ano, mês, dia, uma vez ou outra eu faço isso para que, mais ou menos, se saiba onde o Mateus está. Sabe-se que ele está vivo porque ele é o narrador, mas eu

VOCÊ NÃO DEVE, NA MEDIDA
DO POSSÍVEL, APAGAR AS PALAVRAS,
PÔ-LAS DEBAIXO DO TAPETE COMO UMA
POEIRA AO VARRER A CASA. ENTÃO, AS
PALAVRAS EXISTEM PARA SEREM USADAS.

procuro não dar nitidez à cronologia, o mais importante é o tempo abstrato, o tempo que comanda o mundo e a nossa genealogia.

Nesse sentido, no livro *Mapas do Significado: a Arquitetura da Crença* (Realizações Editora, de Jordan B. Peterson), que faz uma interpretação da Bíblia, em um determinado momento, o autor fala sobre a construção de dois conceitos: o conceito da história, que viria com a chegada da escrita, e o conceito de futuro, que, até então, o homem não tinha. Queria que você falasse um pouco disso, porque seu livro lida com esses estágios do passado e do futuro, da perspectiva.

O livro fundamenta-se em princípios históricos. Isto é, eu decidi que o livro alternaria entre o século 15 até o século 19, no qual Mateus está. Mas as simbologias, as utopias do Mateus, elas estão no século 15. Isso é muito importante para fazer as emendas do tempo e da história. Então, há uma história além da história individual dele, do enredo dele, há uma história que o empurra a ir ao encontro da sua utopia modesta, do seu sonho. O que eu deixo claro é que a utopia não é uma propriedade dos poderosos, dos intelectuais, dos ricos, utopia é um sonho modesto. Tanto que ele vai até a morte do avô Vicente, ele é um peregrino, vai caminhando, pegando restos de comida, ele atravessa Portugal quase – eu diria – a nado, mas atravessa Portugal em vários momentos a pé e as aventuras ocorrem nessas caminhadas. Então, essa é a vida dele, a história dele sobre o pulso da história do infante. E sobre o pulso da história gloriosa de Portugal. Agora, essa noção de futuro, eu não sei se abraço, porque não existe o futuro para o indivíduo. Poderá existir o futuro para a sociedade. O indivíduo fabrica a cada minuto aquilo que ele tem – que não sei se é futuro porque é presente para ele. O que ele tem é presente, ele não conta com o minuto seguinte, ele só conta com o minuto que ele está consumindo, o minuto que se escoa diante dele ou nele, no corpo dele, na vida dele. A noção do futuro é uma soberba. E, como dizia o Eclesiastes, a soberba prenuncia o fim.

Uma coisa que perpassa bastante sua obra é o conceito de memória. Nesse livro você diz que a memória é alvissareira para as pessoas felizes?

Mas aí é uma memória específica, biográfica, dele. Em geral, de verdade, a sociedade não se dá conta dos fundamentos preciosos da memória. Nós nada somos sem a memória. Você sabe seu nome por conta da memória. Você sabe de quem você é filho por conta da memória, do registro histórico, mas que a memória guarda. A memória diz quem você é, de onde você procede, qual é a sua história. Mas a memória viva, ela também apaga. Ela apaga e também trai. A memória é tudo. Então, nesse livro, é um ponto de vista do narrador, que era o infeliz. Ele acha que a memória pesa muito a ele. A memória dele não é feliz. Não faz crer a ele que ele é feliz. Então, ele quer dizer com isso que a memória dos outros é, supostamente, feliz. É feliz quem tem memória e vale a pena cultivá-la. Mas ele não se dá conta de que o livro é produto da memória dele. Tudo que ele vai contando, vai pensando, é quase um caleidoscópio dele, do repertório dele. Eu faço muita questão de esclarecer que a memória é a ficção do ser, a memória não é fidedigna; portanto, a memória ficcionaliza a história. A memória é pura ficção. E a conjunção perfeita para um narrador é memória e invenção. Não há invenção sem memória, e memória sem invenção.

E como é criar a emoção do personagem, essa percepção tão rica da personalidade?

É difícil, eu sofria. O livro, em vários momentos, roubou-me lágrimas. Por exemplo, quando inventei a figura da Amélia, eu chorei que você não tem ideia. Achei

ESSA NOÇÃO DE FUTURO, EU NÃO
SEI SE ABRAÇO, PORQUE NÃO
EXISTE O FUTURO PARA O INDIVÍDUO.
PODERÁ EXISTIR O FUTURO PARA A
SOCIEDADE. O INDIVÍDUO FABRICA A
CADA MINUTO AQUILO QUE ELE TEM

uma vida tão miserável, que odiei a humanidade naquele momento. Eu, que nunca odiei. Como somos tão cruéis. O que fizeram com Amélia? Então, essas percepções masculinas não são de agora. Desde sempre, pelos meus convívios íntimos e amigos, e tudo que vejo e leio, eu tenho a sensação, já de muito, de que abarco o desejo masculino, a potência, porque conheço as histórias que vou lendo: mata-se por sexo, mutila-se por sexo. O sexo estabelece a desordem no organismo humano. O sexo não é coerente, ele é cruel. Então, isso tudo me leva à reflexão, e não é de hoje, vem de anos e anos. Se você pensar, em contos meus há alguns de rara crueldade. Engraçado, tenho grandes contos cruéis no passado. Mas porque a história humana é cruel. E as pessoas me dizem: “Mas, Nélida, você é tão delicada”. E sou, mas a minha cabeça está em todos os lugares.

De que forma?

Minha cabeça esteve na Grécia 12 séculos antes. Eu, desde menina, naveguei pelos séculos, a partir de uma percepção que tive, que eu era de dupla cultura – espanhola/galega e brasileira. Isso me liberou a abrir todas as portas da cultura do mundo. Nada poderia ser longínquo ou ausente para mim. Então, fui acumulando sabedorias. Sou alguém que não fez outra coisa senão isso. Como diz uma amiga: eu tenho um capital de saberes, de sensibilidade e de solidariedade. Acho que para falar da crueldade, você tem que ter uma compaixão pelo humano, e eu choro pelo humano, por nós. Não sei se pela minha formação religiosa, que não me prendeu a obrigações e a dogmas. Eu sempre fui antidogmática, isso fez com que eu pudesse me comover com a nossa humanidade. Acho que é isso. Eu me filiei à humanidade à qual pertencço.

Tem um momento rápido no livro, o enterro do avô Vicente, em que você se refere a poucas pessoas ao lado da cova, uma cova rasa. O que fica para o leitor é a imagem da solidão da morte.

O ser humano é um solitário. Ele, então, engana-se. Ele tem a ilusão de que compartiu sua vida com todo mundo, mas não. Cada vez mais, se você observar, por exemplo, nessa pandemia, ficou patenteada a solidão dos seres humanos. As pessoas quase não se telefonam. Não é só que não podem se visitar, não há o interesse em se visitar, penso eu. Sinto que está como que oficializado o direito a uma solidão triste. Então, no caso do Vicente, o que eles tinham? Eles eram muito pobres. E o pobre é muito pobre. Então não tem as galas dos ricos. Eu, por exemplo, não posso dar o nome agora, mas me mandaram há dois

anos ao enterro de um homem que foi poderosíssimo. Não tinha ninguém quase, porque ele já não era mais importante. Há uma frase, não sei quem disse: “Quando você deixa o poder, cresce grama na porta da sua casa”. É verdade. Ninguém mais telefona para você. Mas é muito importante nos meus personagens: que se antecipem a esse drama. Aprendam que isso é uma contingência humana. Pior do que isso é ser esquecido ao longo das décadas. Não haver registro histórico da sua vida. Acho isso impressionante. Como se você não tivesse vivido porque o mundo não percebeu a sua vida, a sua existência, não registrou a sua passagem pela Terra. Quer coisa mais dramática que isso: ter vivido em vão?

Pensa sobre o que vão achar de sua obra daqui a 50 anos?

Eu deveria pensar, mas não penso muito, e ao mesmo tempo é uma contradição minha. Desde menininha, eu guardava papéis. Eu tenho um apartamento só com arquivos literários e a professora [*sua assistente*] uma vez descobriu, num envelope, um marcador de livros bem velhinho, de 1948. Quando menina, eu frequentava a livraria Freitas Bastos no Rio de Janeiro, lá meu pai tinha aberto uma conta para que eu pudesse comprar, e Seu Oliveira, um dos gerentes, cearense, gostava muito de mim, eu devia ter uns 13 anos, ele me deu um marcador de livros, que botei em algum momento nesse envelope. Portanto, sou alguém que, desde menina, não jogo papel fora. Minha mãe dizia assim: “Ai, minha filha, por que guarda tanto papel?”. E eu: “Ah, mãezinha, eu adoro papel”. Nunca fui malcriada. Eu dizia, menina, em face da generosidade dos meus pais, da família que eu amava, que eu queria a independência, mas não a rebeldia inútil. Quero a independência sem perder as chaves da casa. Tenho tudo guardado. Esse romance tem mais de um metro de versões, então, devo ter de algum modo uma noção histórica porque guardo tudo isso, e isso tudo deve ter algum destino. Não é que conte a minha história, mas conta a história de um escritor brasileiro.

Sobre a recorrência de personagens masculinos como nesse novo romance, como desenvolveu a habilidade para encarnar a sensibilidade e visão masculina na criação desses personagens?


Acho que se você for pegar o escopo da minha obra é igual: as mulheres e os homens. Só que eu, ao contrário de muitas escritoras, eu tenho muitos personagens homens. Todos dizem, os críticos, que são “personagens redondos”. Então, por exemplo, tenho a Eulália, da *República dos*

Sonhos, que é uma personagem mulher muito forte, mas ela encerra um ciclo, sobretudo nos contos, de mulheres distraídas. Embora não dissesse que eram distraídas, eu insinuava, porque a distração, a meu juízo, no mundo feminino daquelas mulheres, era uma maneira de a mulher se defender da tirania masculina. Ou seja, você me dava uma ordem, o marido, amante ou quem fosse, e eu fingia aceitar, mas muitas vezes eu não prestava atenção. Então, a distração me protegia do seu arbítrio. E você entendia que eu era tão “distraída”, e tão “tola” e tão “boba”, que você dizia: “Coitada, não posso fazer nada com ela”. A distraída reduzia o poder do homem. Enfim, acho que repartiu bem adequadamente mulheres e homens personagens. Agora, é um desafio, eu reconheço, e foi um grande atrevimento meu ter explorado o homem, porque sempre quis incorporar o homem e a mulher à minha narrativa. Eu achava que esse era um dever narrativo meu. Como eu poderia fazer um romance sem o homem? Ou sem a mulher? Não poderia. Tinha, na medida do possível, que abarcar os meandros secretos da sociedade humana.

A riqueza de vocabulário na sua obra deixa evidente quanto você gosta da língua portuguesa, dos verbos. Você também tem um cuidado com a sonoridade das palavras.

Poderia falar um pouco sobre esse seu recurso?

A lexicografia é uma ciência, mas não nasceu dos eruditos. Ela é composta de vocábulos engendrados pelo povo. Quando as pessoas inventaram uma palavra, foi porque ela era necessária, não foi, assim, uma fantasia humana. Cada palavra que existe corresponde a uma necessidade, portanto, você não deve, na medida do possível, apagar as palavras, pô-las debaixo do tapete como uma poeira ao varrer a casa. Então, as palavras existem para serem usadas. E, quanto mais elas podem ser usadas, mais rico é o que você diz. Eu não obedeco a um requinte erudito. Nem pensar. Quando eu eventualmente uso uma palavra, é porque ela está ali à minha disposição. Ela aparece e eu pego. Ela passou a cavalo e eu monto nela, não uso dicionário. Não sei o que é manusear um dicionário há mais de 40 anos. Não preciso ter a sofisticação falsa de buscar uma palavra para dar brilho a uma frase minha. Se não apareceu é porque não estava à mão e não interessava. Só uso o que passa por mim, o que corresponde ao que eu quero dizer. Por exemplo, estou trabalhando uma frase, e penso um verbo, mas esse verbo



O LIVRO, EM VÁRIOS
MOMENTOS, ROUBOU-ME
LÁGRIMAS. POR EXEMPLO,
QUANDO INVENTEI A FIGURA
DA AMÉLIA, EU CHOREI QUE
VOCÊ NÃO TEM IDEIA

não diz tudo o que é preciso dizer, isso eu constato. Tenho uma alta sensibilidade para o apreço e a serventia da palavra. Enquanto eu não entendo o que eu queria dizer e o quanto a palavra pode colaborar com a minha sentença, de modo algum eu me detenho. Eu vou substituindo, procuro a palavra que dê resultado, que enriqueça o texto e que expresse o que quero dizer, senão não dá. Agora, quanto à fonética, toda língua tem colisão fonética, choque fonético, que é um horror. Então, por exemplo, eu tenho que evitar muito “ão”. É uma questão de gosto musical.

Como assim?

Eu tenho que dar um esclarecimento: por que é que tenho essas obsessões musicais. Tive a felicidade de desde menina ser levada por minha mãe amada, Carmen Piñon, ao teatro dramático, aqui na cidade. Íamos frequentemente, ela queria que a filha fosse uma menina culta, meu pai também, de família imigrante, queria muito que a filha fosse culta. Daí os livros, daí a conta aberta na livraria, daí me levaram ao teatro dramático e depois eu comecei a frequentar semanalmente o Theatro Municipal [do Rio de Janeiro]. Foi meu lar. Foi realmente minha grande formação: o Theatro Municipal e os livros. Eu devo tudo a eles. O que eu fazia no Theatro Municipal: eu via ballet à exaustão, ópera à exaustão – aprendi o sentido do melodrama vendo ópera, melodrama é um ingrediente essencial para a narrativa –, vi todos os grandes pianistas. Tomei chá com Arthur Rubinstein (1887-1982), já viu coisa igual? Tudo isso me ensinou a musicalidade. Então, aprendi uma coisa fantástica: aquilo que não podia ser dito no palco é porque não era um drama necessário, não interessava. É como no livro: você tem que escrever o que te interessa contar. O que não te interessa, você põe de lado. Você tem que procurar o que rende na narrativa. Eu aprendi tudo isso. Não trabalho sem música, desde menina. Se você me perguntar o que ouvi enquanto eu escrevi *Um Dia Chegarei a Sagres*, vou te dizer que [Richard] Wagner e, sobretudo, todo dia, ouvia obsessivamente a *Cavalgada das Valquírias*. Estava cansada? Escutava a cavalgada e não tinha Cristo que me segurasse. Sabe o espinafre do Popeye? Para mim, era a *Cavalgada*. Eu sou um acúmulo de saberes, é uma coisa espantosa na minha vida, sem falar das viagens. A vida na aldeia, que foi benfazeja, extraordinária, eu levava as vacas e as ovelhas da minha avó para uma montanha que para mim era o Himalaia, mas depois, com mais idade, voltei na aldeia na Galícia, era uma *montanhinha pequenininha*, mas para uma menina de 10 a 12 anos era uma maravilha. Tudo isso eu botei a serviço da criação literária.

A MEMÓRIA É A FICÇÃO DO SER,
A MEMÓRIA NÃO É FIDEDIGNA;
PORTANTO, A MEMÓRIA
FICCIONALIZA A HISTÓRIA. A
MEMÓRIA É PURA FICÇÃO.

Você é uma cidadã do mundo, com um pé na Europa, mas também anualmente viajava aos Estados Unidos para dar aula. Esse acúmulo de saberes também é um acúmulo de lugares, de ambientes. No entanto, a sua literatura convive com o Brasil e a Península Ibérica. É isso que te delinea?

Acho tudo isso, inoculado por uma influência poderosa dos gregos. Acho que a minha visão de mundo, fundamentando-se no Brasil, principalmente, e na Península Ibérica, implica a migração dos povos. Mas, sobretudo, a formação, a paixão que tenho sempre pelos gregos, pela cultura grega, que foi fundamental na minha formação. E outra coisa importante, na minha formação, o que pauta tudo isso é a *Bíblia*, porque estudei em colégio alemão, de madres beneditinas que, embora religiosas, católicas, por serem alemãs ensinaram que eu estudasse o Antigo Testamento, o que é muito raro. Geralmente você estuda, como católico, o Novo Testamento. Tudo isso forjou uma percepção de mundo, e mistura tudo. Porque você tem que misturar tudo. Um personagem é uma mistura de tudo isso.

Por que você demorou tanto entre os romances *Vozes do Deserto* (2005) e *Um Dia Chegarei a Sagres* (2020)?

Eu queria esse livro, esse romance e sabia que seria um romance total, difícil, grande. Comecei a trabalhar nele, na cabeça e pesquisando, em 2005. E por que eu não pude escrever? Porque eu tinha que ir a Portugal, ficar no mínimo um ano. Além disso, mais tarde, tive uma “pessoa” que atrapalhou totalmente a minha vida narrativa, sabe quem? Meu cachorrinho Gravetinho. Eu tinha paixão por ele, e ele estava mais gordo, muito temperamental e eu não conseguiria pô-lo na cabine. E eu não iria a Portugal sem ele, nunca. Teria que pô-lo no porão e eu não faria isso porque tinha medo que ele fosse morrer. Ele era muito difícil; então, fui esperando.

Anos se passaram e eu não esqueci o livro. Já tinha ele roteirizado, e outras coisas foram acontecendo. Quando ele [*Gravetinho*] faleceu, em 2017, eu vi tudo claro: vou para Portugal. Organizei tudo, levei a outra cachorrinha, a Susi Pinon, que já tinha o passaporte europeu, tinha os documentos, e fomos para Portugal, ela foi comigo e eu não a deixaria. Ninguém pode imaginar que esse romance [*Um Dia Chegarei a Sagres*] não saiu [*na época*] por causa de uma pessoa chamada Gravetinho.

E por que escolheu a cidade de Sagres?

Antes de 2005, eu conheci Sagres. E, se minha história era sobre Portugal do século 15 ao século 19, Sagres era o epicentro da narrativa. Quando eu ia a Portugal, esses anos todos, rapidamente, porque eu não podia ficar um ano, eu ia escondida a Sagres. Os amigos íntimos queriam me levar a todos os lugares de carro, tinha motorista, amigos com essa condição, mas na hora de ir para Sagres, eu pagava para ir, porque eu não queria que ninguém soubesse desse meu segredo. E ninguém soube, nem quando eu estava lá eu mencionei esse livro. Grande Eduardo Lourenço dizia: “Portugal precisava saber melhor quem é Nélida Piñon, o que ela estará fazendo e que nós não sabemos”. Posso terminar dizendo que vivi uma paixão poderosa fazendo esse livro e que foi um milagre ter conseguido escrevê-lo, porque eu não estava enxergando já. Eu não pude escrevê-lo no computador, esse primeiro, o original. Foi todo manuscrito e, além do mais, eu tinha quebrado o braço em Madrid, então eu tinha muitas dores e fazia tudo isso com dores, mal enxergando. Com isso, cada capítulo eu tinha que escrever num só dia, porque eu tinha que ter tudo de cor, porque eu não podia reler, porque não enxergava. Foi um milagre. Algo extraordinário para mim, eu dizia o tempo todo que o Espírito Santo estava me ajudando como se ele pudesse me ditar as frases.

Com as novas perspectivas sobre o feminismo contemporâneo, voltou-se a se falar em uma literatura feminina. Você acredita em uma literatura feminina?

Claro que não acredito e nunca acreditei e sou uma defensora da literatura. O dia que me provarem que existe uma literatura masculina, aí terei que entender os postulados de uma literatura feminina. Mas isso não existe. Só existe uma literatura. É uma literatura que adota o ponto de vista de qualquer gênero, é um homem que escreve sobre

Madame Bovary e uma mulher que escreve, como eu o fiz, assumindo a pessoa do Mateus em *Um Dia Chegarei a Sagres*. Acho que o escritor ou escritora que não é capaz de se apossar do corpo alheio, qual seja ele, de que gênero seja, ele ou ela dá prova de incompetência narrativa. Ou seja, para ele ou ela, só tem como suporte narrativo o próprio corpo e isso é muito pouco. Você não pode ter só um corpo que é o seu. O seu é insuficiente. Você tem que contar com o corpo do vizinho ou da vizinha, da amante ou do amante, e com isso você vai expandindo seus saberes sobre os corpos. Veja só, não há só o corpo da mulher ou o corpo do homem, cada corpo é um corpo. Portanto, quando você escreve, assume uma pessoa na primeira ou terceira pessoa, você tem que levar em conta não só um corpo específico, anatomicamente falando, como também um corpo psicológico, um corpo patológico, um corpo que pensa e que sente de maneira diferente do vizinho.


Qual sua opinião sobre certos movimentos que querem reescrever ou apagar obras escritas há 40, 50, 100 anos, a exemplo de Monteiro Lobato e outros autores criticados por suas visões de mundo no momento em que suas obras foram criadas?

Me lembro de que, pós-Segunda Guerra Mundial, mais adiante, condenaram grandes escritores. Vamos ficar com os franceses. Por exemplo, Louis-Ferdinand Céline era tido como um escritor com ideias profanas, mas a obra dele era muito importante; o T.S. Eliot um pouco, mas ele se salvou; Ezra Pound também, mas todo mundo foi entendendo que a obra era tão importante que havia que ter não uma piedade estética, mas havia que separar o indivíduo da obra. Com isso eu quero dizer, mas esses são casos extremados, os outros casos que estão apontando é uma retificação histórica absurda: Você não pode apagar o passado. Você tem que corrigir o presente. Há que entender qual o contexto histórico. Então, o que se produziu há 40 anos teria um sabor diferente se fosse produzido hoje. Hoje todos falam disso ou daquilo por pura arrogância, uma arrogância que não lhes veio da descoberta, mas da herança de todos pensando ao mesmo tempo. Então todos nós estamos sendo beneficiados por um saber novo, renovador, que está tentando melhorar o mundo. Mas todos os livros, e toda a arte, tudo aquilo que ficou atrás, tinham as propriedades do seu tempo. Tinham as injunções do seu tempo. Daqui a pouco, você vai para os museus, para as bibliotecas, queimar tudo, acabar com todos os traços da civilização. Ok. Vão ficar contentes? Muito bem. O que vão botar no lugar de Homero? No lugar de Shakespeare? No lugar de Cervantes? ■

Pixabay

De fora para dentro

A RESTRIÇÃO A ESPAÇOS PÚBLICOS SOMADA À POSSIBILIDADE DE FRUIÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS E PRÁTICAS FÍSICAS PELO AMBIENTE VIRTUAL APONTAM OUTRAS FORMAS DE LAZER



Há um ano, o ambiente doméstico incorpora escritório, escola, restaurante, cinema, teatro, academia e até praia. “Quase todos os dias ela me diz: ‘Vamo pá paia?’, e vai buscar o maiô, seu chapéu UV e sua cadeirinha de praia diminuta. Espalhamos almofadas pelo chão, nossa areia improvisada, e então ela abre a cadeirinha em frente ao tapete azul, que faz as vezes do mar”, descreveu o escritor e ator Gregório Duvivier na coluna “A praia no tapete, o cavalo na vassoura, o mundo inteiro na sala de casa”, publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, nos primeiros meses da pandemia. Resignificamos o espaço de dentro para comportar o desejo de experimentar o ócio do lado de fora. Neste contexto, em que é essencial o isolamento doméstico para contenção da Covid-19, como estamos vivenciando o lazer?

O lar como um ambiente de lazer vem sendo estudado há décadas, segundo o professor Antonio Carlos Bramante, coordenador do Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer (Lagel) da Universidade de Brasília (UnB). “Camargo e Requiça, pesquisadores de realce que tiveram as suas bases iniciais no Sesc São Paulo, abordaram o tema nos anos 1980. Eu mesmo, em 1992, em artigo publicado dedicado às tendências do lazer na virada do século, já afirmava que o lar se tornaria o principal centro de entretenimento das pessoas”, recorda.



Quebra-cabeças e jogos tradicionais de mesa tiveram um aumento de vendas na pandemia, segundo dados da Organização Mundial do Lazer (*World Leisure Organization – WLO*)

No entanto, apenas nos últimos anos é que as tecnologias popularizaram outras formas de vivenciar o lazer dentro de casa. Atividades que antes da pandemia podiam ser realizadas em espaços externos, como assistir a uma estreia do cinema, um espetáculo teatral e musical ou mesmo uma exposição, foram adaptadas ao meio digital. “Sem dúvida, um dos maiores impactos (da pandemia) foi o aumento do uso das tecnologias. Foi produzido um incremento para o uso das telas: filmes, séries, jogos”, observa a pesquisadora Cristina Ortega, chefe acadêmica e operacional da Organização Mundial do Lazer (*World Leisure Organization – WLO*).

Outro impacto significativo apontado pela especialista foi a redescoberta de atividades recreativas praticadas em espaços fechados. “Jogos tradicionais de mesa, como quebra-cabeças, tiveram um aumento de vendas”, acrescenta. “Além disso, em relação a essa redescoberta de atividades, muita gente teve a necessidade de seguir aprendendo, de buscar conhecimento e cultura, como também pudemos

observar com o crescimento da venda de livros e um maior interesse em descobrir novas habilidades, como tocar um instrumento musical.”

Segundo pesquisa realizada pelo Lagel (leia boxe *Lazer na pandemia*), 56% dos entrevistados disseram que não houve a necessidade de fazer adaptações em suas moradias, mas as compras *online* relativas ao lazer tiveram expressivo aumento: mais de 250% nos instrumentos musicais, 241% em brinquedos e 166% em produtos eletrônicos.

Da mesma forma, práticas físicas e esportivas que aconteciam em parques, praças e outros espaços urbanos foram adaptadas para o ambiente virtual. E um alerta para o sedentarismo foi feito por especialistas da saúde já no ano passado. A Organização Mundial da Saúde aumentou o tempo recomendado para atividade física moderada, que passou a ser de 150 a 300 minutos por semana para a população adulta, quando antes da pandemia era de 75 a 150 minutos. Além dos benefícios à saúde física e mental, a prática de atividades ao ar livre, uma ação também do âmbito

do lazer, foi responsável por promover momentos de socialização na pandemia, de acordo com Cristina Ortega.

“Devido ao confinamento doméstico, muitas pessoas decidiram realizar exercícios físicos em suas casas para evitar o sedentarismo. Consequentemente, tomaram consciência da importância da prática e seus benefícios para a saúde e muitas pessoas se tornaram até mais ativas”, destaca a especialista. “Assim, também se produziu um aumento de atividades ao ar livre. As pessoas saem mais para os parques e esportes como ciclismo ou corrida têm aumentado notavelmente em popularidade.” Isso levando em conta as fases da pandemia em que foi permitido o uso de espaços públicos mediante todos os cuidados sanitários necessários.

Novas perspectivas

Se por um lado o agravamento da pandemia incrementou ações de lazer no ambiente virtual, segundo Bramante, por outro lado, “continua faltando a essência da liberdade de ir e vir, típica das experiências de lazer”. Nesse caso, além da possibilidade de estar em espaços ao ar livre, convivendo com outras pessoas, o turismo, que faz parte do lazer, também sofreu restrições na pandemia.

“A definição internacional (de turismo) é de ‘ao menos 24 horas em outra cidade ou país’. E o turismo nos dá mais oportunidades de conhecer novas culturas, novos lugares. Ele também nos dá um tipo de liberdade porque estamos longe de casa, às vezes nos sentimos mais à vontade para fazer coisas que não fazemos em casa e, quando estamos distantes, podemos experimentar”, explicou o professor Alon Gelbam, diretor de Turismo e Hotelaria no Kinnert College on the Sea of Galilee, no documentário *Ócio, Lazer e Tempo Livre* (leia boxe *Alcance global*), gravado quando participou, com outros representantes, da 15ª edição do Congresso Mundial de Lazer – Lazer sem Restrições, realizada pelo Sesc São Paulo em 2018.

Mesmo antes da pandemia, o turismo vinha se transformando pela demanda de roteiros de experiência e destinos com menor quantidade de turistas. Viagens associadas à busca por aprendizado, por práticas esportivas ou para experimentar a culinária e outras expressões culturais de um local, e em grupos pequenos. “As pessoas procuram por algo mais significativo, atividades e experiências culturais”, destacou Gelbam no documentário.

“Tendo a crer que o setor do turismo vai ter uma recuperação lenta, mas tende a ser bastante valorizado como uma oportunidade autêntica de conhecer outras culturas e localidades”, compartilhou Ricardo Uvinha, professor titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e coordenador do Centro de Excelência em Estudos do Lazer WLCE/USP, no Sesc Ideias *Reflexões: Ócio, Lazer e Tempo Livre*, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. E complementa: “É possível que no período pós-Covid as experiências de contato com os amigos, de visitas a parentes, de ter a oportunidade de

Yoga e outras práticas que antes aconteciam em parques, espaços fechados ou mesmo em praças, foram adaptadas para o ambiente virtual





Picobay

Pais e filhos tiveram que adaptar a casa como ambiente de trabalho, estudo e lazer compartilhados

Lazer na pandemia

Dados de pesquisa realizada pelo Laboratório de Gestão das Experiências do Lazer (Lagel) coletados em maio de 2020, da qual participaram 2.278 pessoas acima dos 18 anos de idade, de todos os estados brasileiros e Distrito Federal:



Editoria de Arte

Aumentou ou diminuiu a vivência de lazer antes do isolamento físico/social em comparação com o momento atual?

61% dos respondentes, diminuiu muito/diminuiu a vivência de experiências de lazer antes do isolamento físico/social com o momento atual

26% aumentou/aumentou muito

13% permaneceu a mesma coisa



Quais os tipos de experiências de lazer vivenciadas?

1º LUGAR
experiências virtuais

2º LUGAR
experiências intelectuais

3º LUGAR
experiências manuais

4º LUGAR
experiências físico-esportivas

5º LUGAR
experiências artísticas

6º LUGAR
experiências sociais

Quase nenhuma menção a experiências turísticas

► atividades físicas e esportivas sejam ainda mais valorizadas, talvez como nunca foram” (leia mais sobre a importância do tempo dedicado ao lazer na entrevista do professor Ricardo Uvinha publicada na [edição nº 269 da Revista E](#), de dezembro de 2018).

Atualmente, de acordo com Cristina Ortega, a maioria das propostas que estão sendo elaboradas ou pensadas para que o ócio não se limite ao ambiente virtual acontecem no âmbito das pesquisas, “porque agora a pesquisa e a orientação de políticas são mais necessárias do que nunca”, reforça. Alternativas concretas para que o lazer volte às ruas também já estão sendo colocadas em prática em algumas cidades mundo afora.

“Como em Seattle, nos Estados Unidos, em que o governo fechou permanentemente mais de 30 quilômetros de pistas de tráfego de automóveis para criar um parque linear voltado a atividades de lazer”, exemplifica Ortega. Ou a adaptação do conceito “drive thru” pelo Museu Boijmans van Beuningen, de Roterdã, Holanda, que oferece aos visitantes a possibilidade de ver obras de arte enquanto conduzem seus automóveis. “Estamos somando cada vez mais dados para dar sentido aos complexos entornos nos quais vivemos e assim desenvolver soluções que podem ser implementadas como políticas públicas que gerem melhores resultados”, acrescenta.

E mesmo com a chegada da vacina, assinala Ricardo Uvinha, “onde se terá o comentado período de transição e onde as pessoas deverão manter muitas das regras atuais de sanitização e distanciamento, vejo uma tendência de uma busca maior pelo lazer em ambientes externos, ainda mais se os diversos equipamentos como parques, shopping centers, teatros, cinemas, shows e demais atividades culturais retomarem suas atividades”. ■

Ontem e hoje

DA NATAÇÃO NO RIO TIETÊ À NAVEGAÇÃO NA INTERNET: O QUE MUDOU NA EXPERIÊNCIA DO ÓCIO?

Aberto ao público em 1825, o parque Jardim da Luz, um dos mais antigos da cidade de São Paulo, era um dos poucos pontos de lazer da época. Visitar o rio Tietê, estender uma toalha à beira do curso d’água, também era algo popular até 1950. Moradores que lá passavam seu tempo livre ainda acompanhavam provas de remo e natação. Os cinemas de rua faziam parte da programação, sendo um dos pioneiros o Bijou Theatre, que abriu em 1907, no cruzamento da avenida São João com o Anhangabaú. Depois desse, vieram muitos outros pelo Centro e por outras regiões da cidade. No início dos anos 1960, a região em torno da avenida São João ficou conhecida como Cinelândia pela quantidade de salas de cinema na época.

Já no final dos anos 1960, começam a ser inaugurados os shopping centers, centros comerciais com praça de alimentação, salas de cinema e teatros, em alguns casos. Espaços que antes da pandemia figuravam como um dos mais frequentados em momentos de ócio pelos paulistanos. A partir do crescimento urbano da cidade, além de parques, praças e centros culturais, outros espaços públicos começaram a ser reivindicados e ocupados como destinados ao lazer.

Em 2016 é instituído oficialmente pela prefeitura da cidade o Programa Ruas Abertas, que abre ruas e avenidas para atividades físicas e manifestações culturais aos domingos e feriados.

Divulgada em 2018, a pesquisa Viver em São Paulo: Cultura, realizada pela Rede Nossa São Paulo e Ibope Inteligência, sobre os hábitos culturais dos paulistanos, apontava que os cinemas figuraram no topo dos espaços culturais mais frequentados. Em segundo, os centros culturais, que foram seguidos por museus e teatros e, por fim, as bibliotecas.

Na pandemia, medidas de isolamento doméstico e restrição a espaços de lazer, parques e jardins públicos foram adotadas, e as tecnologias se encarregaram de prover alternativas à fruição cultural. Lives de artistas da música e do teatro, debates com pensadores, aulas online de música, atividades físicas, esportivas e meditação, visitas virtuais a museus e outras ações na internet transformaram a forma como experimentamos o tempo livre.

Alcance global

PROGRAMAÇÃO ONLINE E PRESENCIAL REÚNE ATIVIDADES COM CONVIDADOS DO BRASIL E DE OUTROS PAÍSES PARA CELEBRAR O DIA MUNDIAL DO LAZER

Essencial ao ser e estar em sociedade, o lazer é um direito garantido pela Constituição Federal e pela Declaração Universal de Direitos Humanos. Por isso, as atividades reproduzidas no tempo livre – práticas associadas à leitura, viagens, culinária, artes, esportes e tantas outras – têm impacto sobre nossos ciclos sociais, nossa rotina e nossa saúde de maneira integral. “O lazer é fundamental para a sociedade, pois desempenha um papel essencial no desenvolvimento individual e comunitário, contribuindo para o bem viver, valorizando as relações sociais e assumindo, muitas vezes, lugar de expressão e engajamento na vida democrática”, afirma o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda.

Para celebrar e destacar a importância do lazer, será realizada, no dia 16 de abril, a primeira edição do Dia Mundial do Lazer, uma iniciativa da Organização Mundial do Lazer (*World Leisure Organization – WLO*), que, neste ano, será coordenada pelo Centro de Excelência em Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo (WLCE-USP) em conjunto com o Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer (Lagel) e o Sesc. “A realização

do Dia Mundial do Lazer vem reforçar o lazer como um direito social e sua importância na vida cotidiana, buscando ampliar as possibilidades dessa manifestação e promovendo a reflexão sobre os acessos e barreiras ainda existentes”, complementa Miranda.

A partir de uma programação tanto online quanto presencial, o Dia Mundial do Lazer vai englobar atividades fundamentadas nos chamados conteúdos culturais do lazer, por meio das ações físico-esportivas, sociais, turísticas, intelectuais, artísticas, virtuais e manuais. Para isso os participantes serão encorajados a promover ações que valorizem a cultura local e atividades que possibilitem a troca de experiências, além de estimular reflexões acerca das barreiras socioeconômicas, culturais e físicas do lazer no contexto atual e em perspectivas futuras. “Assegurar o usufruto do lazer para a população pode simbolizar uma importante estratégia de enfrentamento da pandemia causada pela Covid-19, auxiliando numa necessária resiliência diante do presente momento tão adverso”, destaca o professor Ricardo Uvinha.



“Entendo que o Dia Mundial do Lazer colabora com a mensagem de que garantir o acesso ao lazer pode auxiliar na esperança por dias melhores, como estratégia de redução da ansiedade e de fatores de depressão, buscando uma melhor saúde física e mental, influenciando assim decisivamente no bem-estar e na qualidade de vida da população. O evento destaca, assim, a importância do lazer para a sociedade e na vida cotidiana, além de reforçá-lo como um direito social”, complementa o coordenador do Centro de Excelência em Estudos do Lazer WLCE/USP.

Participarão do evento organizações parceiras e convidadas do Brasil e da América Latina, assim como dos demais Centros de Excelência em Estudos do Lazer localizados no Canadá, China, Holanda, Hungria e Nova Zelândia.

Mais informações e outros conteúdos sobre o lazer podem ser encontrados no portal e nas plataformas digitais do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br.

debate

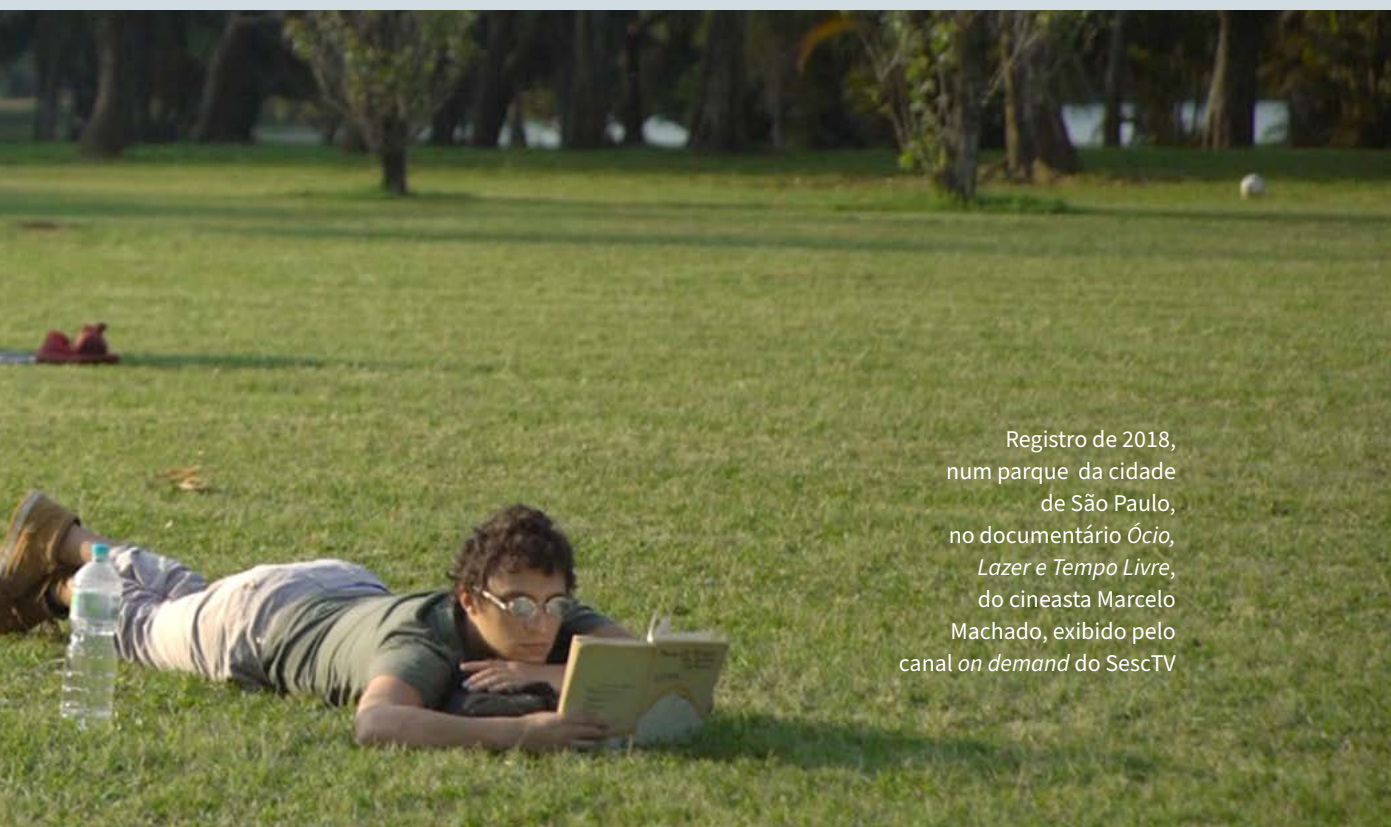
Dia Mundial do Lazer

No lançamento da programação do Dia Mundial do Lazer, dia 26 de março, o Sesc São Paulo realizou um debate online, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. Dele participaram o Prof. Ricardo Uvinha – WLCE/USP (Centro de Excelência em Estudos do Lazer), o Prof. Antonio Carlos Bramante – Lagel (Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer), o Prof. Anderson Dalbone (Departamento Nacional do Sesc) e a Profa. Cristina Ortega (Organização Mundial do Lazer - *World Leisure Organization - WLO*), com mediação de Maria Luiza Souza Dias. Assista ao vídeo: www.youtube.com/sescsp.

documentário

Ócio, Lazer e Tempo Livre

O que é o lazer e quais as principais restrições à sua prática? O documentário *Ócio, Lazer e Tempo Livre* traz reflexões sobre o tema a partir da fala de acadêmicos e estudiosos do Brasil e de outros países que estiveram presentes na 15ª edição do Congresso Mundial de Lazer – *Lazer sem Restrições*, no Sesc Pinheiros, em 2018. O filme é dirigido pelo cineasta Marcelo Machado e realizado pelo Sesc São Paulo. Assista no canal de *streaming on demand* do SescTV: www.sescsp.org.br/sescTV.




Registro de 2018,
num parque da cidade
de São Paulo,
no documentário *Ócio,
Lazer e Tempo Livre*,
do cineasta Marcelo
Machado, exibido pelo
canal *on demand* do SescTV

Gerson Zamini

Marilena Ansaldo em
cena no emblemático
espetáculo de dança
Isso ou Aquilo, de 1975,
dirigido por Iacov Hillel





Todo dia é dia de **DANÇA!**

MARILENA ANSALDI ROMPEU
BARREIRAS NO TEATRO COM UMA
LINGUAGEM HÍBRIDA E DEIXOU
LEGADO INCONFUNDÍVEL NA ARTE

Desde 1982, a data de 29 de abril está no calendário mundial como O Dia Mundial da Dança, promovido pelo International Dance Council da Unesco, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A escolha remete ao aniversário de Jean-Georges Noverre (1727-1810), um dos criadores do balé moderno. Em 2021, quando você mudar os móveis da sala de lugar para tentar um espacate ou uma discreta pirueta, acrescente à celebração a uma homenagem saudosa a Marilena Ansaldi, elegante desbravadora do balé brasileiro, mas não só.

Em 9 de fevereiro, data da morte de Marilena, José Possi Neto, diretor de teatro, coreógrafo e amigo de longa data da artista, usou as redes sociais para se conectar à emoção que a perda de Marilena representa e resumiu o legado dessa dama dos tablados. “Ansaldi é referência e sinônimo de excelência em arte e cultura. Foi dramática e trágica nos palcos, mas foi hilária e divertida na vida (...) foi única e inconfundível na sua arte.”



Cena de *Escuta Zé!* (1977), dirigido por Celso Nunes

DE PLIÉ EM PLIÉ

Nascida na capital paulista em 1934, Marilena passou infância e adolescência em ares cariocas. Seu início na dança foi aos 16 anos. A profissão dos pais tangenciou sua vida nas artes: a mãe era corista e o pai, barítono. Ainda nos anos 1950, em São Paulo, frequentou a Escola Municipal de Bailado, onde, além de estudar, tornou-se professora. No auge do vigor, apresentou-se na Finlândia, em 1962.

Na mesma década, uma experiência de dança na União Soviética se intercalou à admissão no Balé Bolshoi. Primeira brasileira a fazer parte do grupo,

tornou-se solista em 1963. Consagração laureada, pois até quem não se arrisca em nenhum rodopio já ouviu falar na companhia russa fundada em 1776. A escola aterrissou com uma filial no país nos anos 2000, na cidade de Joinville.

Do Bolshoi ela retornaria, em 1965, para a Escola Municipal de Bailado. Da estrada entre Rio de Janeiro e São Paulo, sua fase paulistana foi marcada pela criação, em 1969, da Sociedade Ballet de São Paulo. Em 1972, a sala de aula passa a ser a sua própria casa, onde ensina os fundamentos do balé clássico. Essa época lhe reservou o Prêmio de Melhor Coreografia



Björnlme Lunardi/Bratista

Teatral pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) pelo espetáculo *A Viagem*. O ano de 1973 foi marcado pelo espetáculo *O Corsário*, seu último ato como bailarina clássica.

ALTIVA ATIVISTA

Em 1974, investiu arduamente na coordenação da reforma do Teatro Galpão. Em *Caminhos Cruzados: Teatro de Dança Galpão 1974-1981* (Edições Sesc São Paulo, 2014), Ansaldo é citada como figura central na criação e no desenvolvimento da ideia daquele ▶

Baila comigo

UMA SELEÇÃO DE ESPETÁCULOS
PARA ENTRAR NA DANÇA

Isso ou Aquilo (1975)

Dirigido por Iacov Hillel, marcou o ano de 1975 e a dança do país. Isso não somente porque representou uma virada na carreira de Marilena, que deixou as sapatilhas de ponta e a dança mais clássica, mas também pelo arrojo da temática e da própria linguagem cênica.

Escuta Zé! (1977)

Dirigido por Celso Nunes, marcou época de modo incomum para um espetáculo, tanto pelas qualidades artísticas, quanto pelo teor inequívoco de resistência política e cultural. Um dos primeiros, se não o primeiro, trabalho no país a romper os limites da audiência específica da dança.

Desassossego (2005)

Dirigido por Marcio Aurelio, um monólogo minuciosamente coreografado. Aqui vivenciamos referências múltiplas do teatro e da dança dos últimos anos, e da carreira e vida de Ansaldo. Cada detalhe, cada gesto se desdobrava, ao mesmo tempo em que buscava uma simplicidade essencial.

Paixão e Fúria – Callas, o Mito (2014)

Dirigido por José Possi Neto, trazia a participação especial de Marilena, representando o ardor cenográfico da cantora lírica Maria Callas. Em vermelho vibrante, a bailarina fez uso da melhor intersecção entre dança e atuação.

Fonte: Inês Bogéa e *Teatro de Dança Galpão 1974-1981* (Edições Sesc São Paulo)



Arquivo Sesc Memórias



Marilena Ansaldi e o ator Rodrigo Santiago em *Por Dentro Por Fora*, também dirigido por Iacov Hillel, argumento e textos de Mário Chamie: o conflito entre as rotinas repressivas e a necessidade vital de romper barreiras

► teatro. Inês Bogéa, autora do livro, diretora artística e executiva da São Paulo Companhia de Dança, revela como Marilena influenciou a dança na cidade e qual o seu papel nessas iniciativas de expandir o alcance das coreografias: “A carreira dela impactou o circuito da dança na cidade pela sua ousadia, determinação e entrega à arte, não somente nos palcos, mas também na organização de ampliação dos espaços para que a arte pudesse acontecer”.

Inês exemplifica a participação de Marilena na comissão que idealizou um espaço de experimentação dedicado à dança, concretizado com o aluguel da Sala Galpão do Teatro Ruth Escobar, entre 1975 e 1981 (leia

perfil de [Ruth Escobar na Revista E de março](#)). “Espaço este que viria a se tornar um marco na história da dança”, relembra. A conjunção dessa iniciativa no fio estelar de sua carreira conduziu a bailarina ao título de precursora da dança-teatro no país.

Se em 1973 o espetáculo *O Corsário* indicou o fim da dedicação total ao clássico, podemos apontar, também, que *Isso ou Aquilo* (1975) representou a guinada suave à dança contemporânea. Para além da denominação dança-teatro, Inês sugere “dança-teatro-depoimento” para caracterizar a ampliação do horizonte expressivo de Marilena, tratando de esferas que tangenciam a alma e o corpo.

SEM LIMITES

A linguagem híbrida e fluída estimulada por Marilena foi revolucionária e perpassa diferentes gerações de bailarinas e bailarinos, sem limites entre dança, teatro, dramaturgia e performance.

Seu desempenho se estendeu à escrita de roteiros, produção e direção de espetáculos, muitos em parceria com José Possi Neto. Marilena adaptou e dançou obras de Clarice Lispector, como *Um Sopro de Vida* e *A Paixão Segundo G.H.* Longe dos palcos, lançou a autobiografia *Atos* (edição esgotada) em 1994. Em 2005, estreou o espetáculo *Desassossego*. O ato final como atriz e bailarina foi no espetáculo *Depois* (2019), com coluna ereta e cabeça erguida, aos 85 anos, numa produção da Companhia de Dança Studio 3.

DANÇA POSSÍVEL

O balé oferece possibilidades. Essa foi uma das percepções da bailarina, professora e coreógrafa Zélia Monteiro ao assistir Marilena nos palcos.

Zélia esteve presente em espetáculos e nas duas últimas premiações recebidas por ela, o Prêmio Governador do Estado de São Paulo (1975) e o Prêmio da Cooperativa Paulista de Dança (2014).

Zélia a viu pela primeira vez nos anos 1980, em apresentação do Teatro Galpão. Assim como Marilena, formou-se em balé clássico, e foi uma surpresa vê-la dançar: “Como uma bailarina clássica podia fazer tudo o que ela estava fazendo? Falando em cena, atuando, empregando movimentos estranhos ao balé”. Dela, então, apoderou-se a sensação de liberdade: “Era possível adentrar perspectivas mesmo sendo uma bailarina clássica. Para mim, como bailarina, professora de balé clássico e coordenadora de projetos de ensino no balé, Marilena vem como um exemplo dessa possibilidade. O balé não engessa”. Hoje Zélia compartilha com seus alunos o entendimento do “balé como uma técnica que abre possibilidades e não o contrário”.
Salve, Marilena! ■

Na ponta da página

CRUZE SEU CAMINHO COM A TRAJETÓRIA DO TEATRO DE DANÇA GALPÃO

Deixe-se levar pela beleza dos corpos entrelaçados em cadência na história narrada no livro *Caminhos Cruzados: Teatro de Dança Galpão 1974-1981* (Inês Bogéa, Edições Sesc São Paulo, 2014). A linguagem do corpo e a trajetória de bailarinas como Marilena Ansaldi são retratadas no contexto desse local emblemático para a cena cultural da cidade. “Pela primeira vez o governo determinava um espaço para essa arte, onde aconteciam espetáculos, cursos e debates”, resume Inês. Há ainda cronologia completa de acontecimentos e fotos raras, além de depoimentos de diretores e críticos, como Sábato Magaldi, que foi casado com Marilena. Para não perder o ritmo, acompanhe também a programação online de dança nas atividades do [#EmCasaComSesc](#) pelos canais [@SescAoVivo](#) no Instagram e no [canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).



Protagonistas da própria história

POVOS INDÍGENAS IMBRICAM ARTE E VIDA EM SEUS PROCESSOS CRIATIVOS

Conhecidos pela valorização da coletividade, os povos originários do continente americano são, muitas vezes, interpretados de forma homogênea, ainda que exista, apenas no Brasil, 305 etnias, falantes de 274 línguas. Não é à toa que muitas vezes são chamados equivocadamente – e genericamente – de “índios”. No entanto, os chamados povos ameríndios tratam de valorizar as diferenças e estão longe de ser uniformes na expressão artística. Num texto de 2016, *Povos Indígenas. Os Involuntários da Pátria*, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro contextualiza a denominação: “Foram chamados de ‘índios’ por conta do famoso equívoco dos invasores que, ao aportarem na América, pensavam ter chegado na Índia. ‘Indígena’, significa ‘gerado dentro da terra que lhe é própria, originário da terra em que vive’. Há povos indígenas no Brasil, na África, na Ásia, na Oceania, e até mesmo na Europa”.

EM COMUM

Levando em conta a rede ancestral de semelhanças e diferenças no diálogo entre esses povos, abre este ano a exposição *Encontros Ameríndios* (veja box *Arte do encontro*), com curadoria de Sylvia Caiuby Novaes e Aristóteles Barcelos Neto. Na mostra, a reunião de obras artísticas dos povos Haida e Tahlтан (Canadá), Guna (Panamá), Shipibo Konibo (Peru) e Huni Kuin (Brasil) possibilita novas leituras, tanto regionais quanto internacionais, de produções em que as diferenças não se transformam em desigualdades.

Entre outros pontos comuns está o histórico de colonização e resistência, imbricando a arte na vida. O canto, os rituais, as experiências se entrelaçam na criação desses artistas.

“Sua arte é também resultado desta tenacidade para superar as opressões do processo histórico de esbulho e tentativas de dominação que sofreram, sua capacidade de superar adversidades, sua autodeterminação”, explica Sylvia. “É arte que evidencia liberdade para com processos de tradição e renovação, em que cantos, sonhos, mitos, imagens e visões têm um papel fundamental.” ■

ARTE DO ENCONTRO

Reunião entre artistas de Brasil, Canadá, Panamá e Peru destaca resiliência dos povos indígenas nas Américas

A confluência do Coletivo Huni Kuin Mahku (Brasil), das artistas Olinda Silvano e Wilma Maynas Inuma (Peru), Gwaai Edenshaw, Jaleen Edenshaw e Alano Edzerza (Canadá), e das produções de artistas Guna, como Flor Fernandez e Briseida Iglesias Lopez de Guerrero (Panamá), está no centro da exposição *Encontros Ameríndios*, que está prevista para abrir este ano no Sesc Vila Mariana.

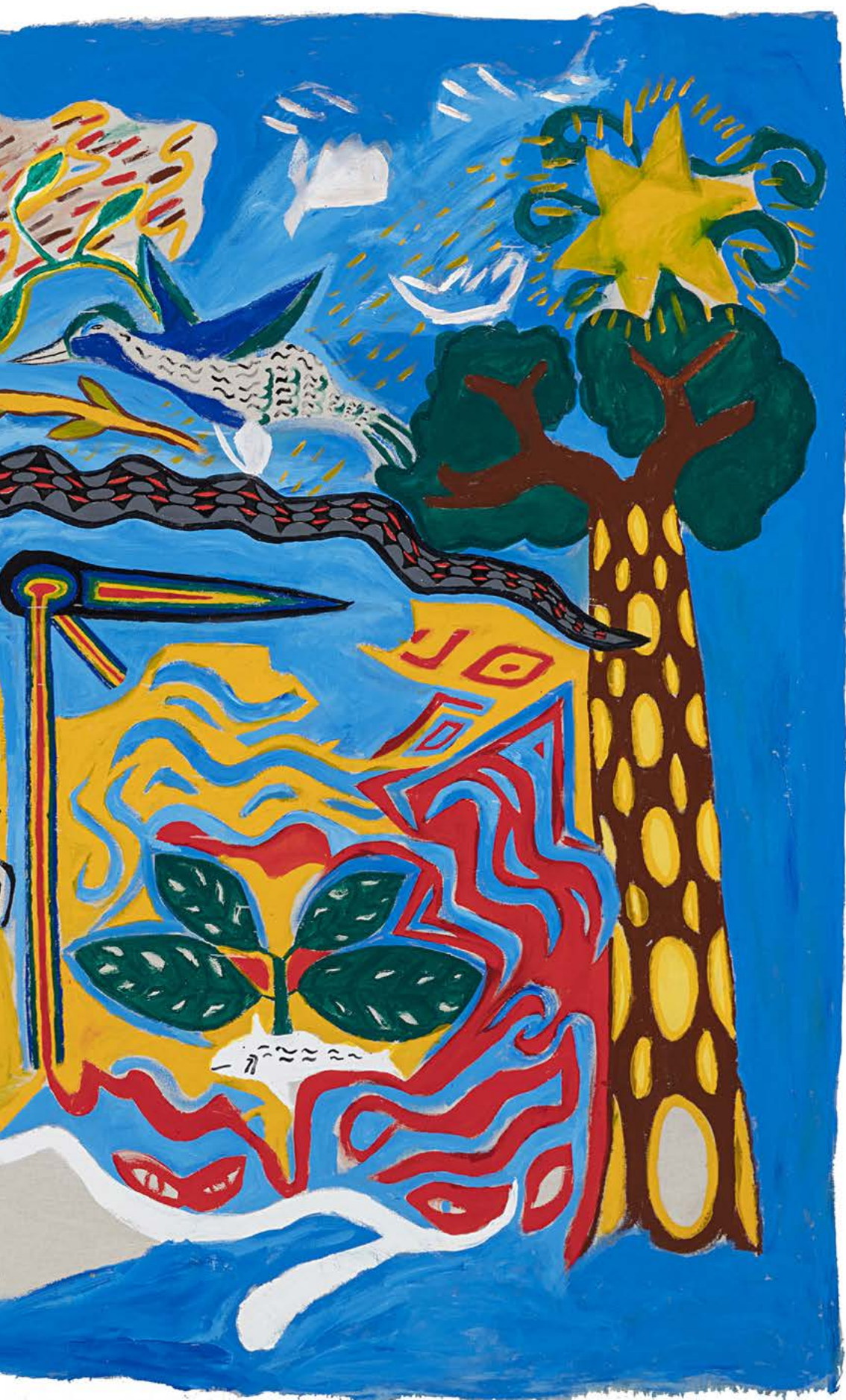
A mostra tem curadoria de Sylvia Caiuby Novaes e Aristóteles Barcelos Neto e reúne pinturas, desenhos, arte digital, bordados e entalhe em madeira. A ideia é mostrar, segundo Sylvia, a capacidade de resiliência dos povos indígenas. “Temos obras de artistas contemporâneos das três Américas, muito diversos entre si, mas que têm sua história marcada por esse processo de dominação colonial. Os artistas indígenas contemporâneos demonstram o quanto eles são hoje protagonistas de sua própria história”, explica a curadora.

Detalhe de *Nai Māpu Yubekā*
(O pombo cantador
que vem de longe,
lá do céu, já virou
jiboia), 2018. Povo
Huñi Kuin, Coletivo
Mahku, tinta acrílica
sobre tecido





MAHKU KIXTI
TUĪ MAKARI



*o Yubekã
(O pombo
cantador que
vem de longe, lá
do céu, já virou
jiboia), 2018.
Povo Huni Kuin,
Coletivo Mahku,
tinta acrílica
sobre tecido*



Yube Nawa Aĩbu (A mulher do povo jiboia, canto de chamar a força), 2018.
Povo Huni Kuin, Coletivo Mahku, tinta acrílica sobre tecido



Txāi Pūke Ruakē (O cunhado listrado e luminoso, música de limpeza nas mirações), 2018. Povo Huni Kuin, Coletivo Mahku, tinta acrílica sobre tecido



Divulgação

Alpha Cheona, 2008. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel



◀ *In or Out (Dentro ou fora)*, 2010. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel

Divulgação



▶ *Smoke Hole (Buraco de fumaça)*, 2007. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel

Divulgação



Divulgação

Eagle Landing (Pouso da águia), 2012. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel



Divulgação

Electric Potlatch (Potlatch elétrico), 2007. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel



Moving Forward (Avançando), 2008. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel

Divulgação



Hummingbird (Beija-flor), 2007. Povo Tahltan, Alano Edzerza, impressão sobre papel

Divulgação



Detalhe
de *Tooth
Tah*, 2007.
Povo Tahltan,
Alano Edzerza,
impressão
sobre papel



Everton Ballardín

Sigui Mola (A Flecha), 2019. Povo Guna, Angelmira Owens Perez, aplique reverso



Everton Ballardín

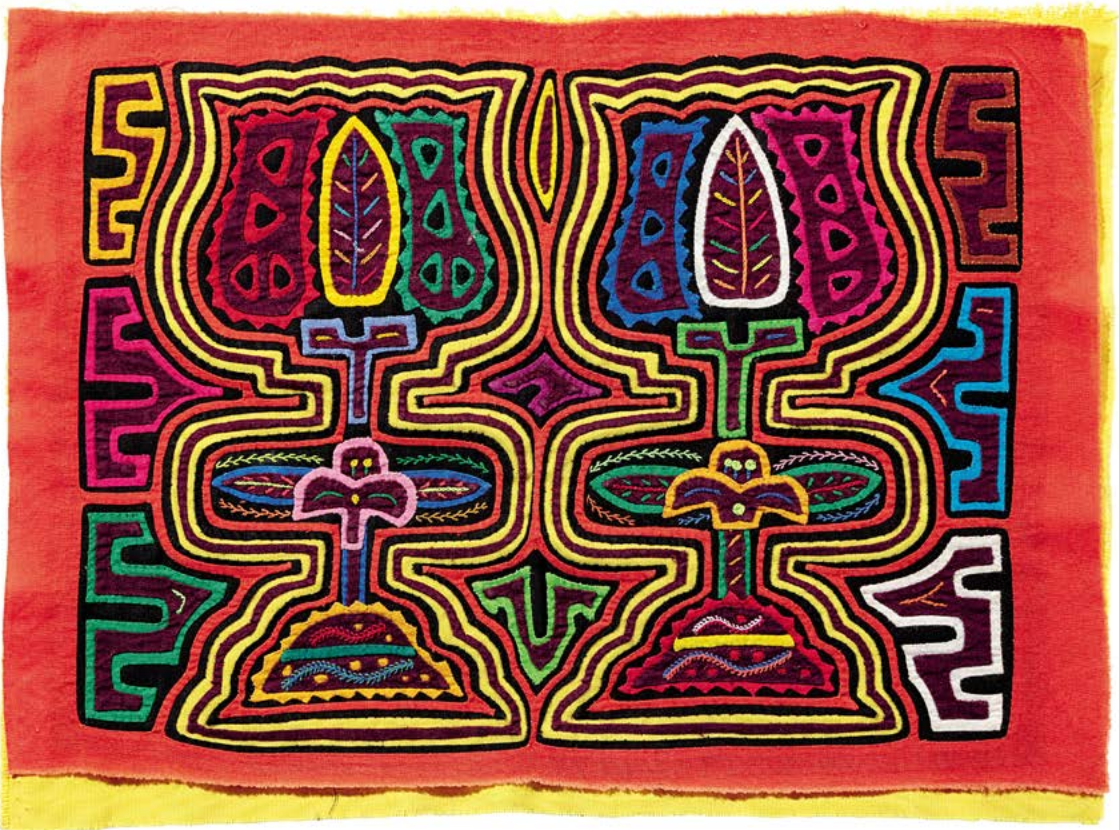
Aggebandur Mola (Planta Medicinal), 2020. Povo Guna, Bruna Bipi, aplique reverso



Everton Ballarín

Sigui Mola
(*A Flecha*),
2019. Povo
Guna, Lonilda
Gonzalez,
aplique reverso

▼ *Gwalu Mola (Lâmpada)*, 2019. Povo Guna, Angelmira Owens Perez, applique reverso



Everton Ballarín



Mike Peckett

Child of the Great Box (Filha da grande caixa), 2014. Povo Haida, Gwaai Edenshaw e Jaalen Edenshaw, escultura em madeira





Participante do Programa Curumim durante a atividade *Momento Plantar - Plantio de Mudras*, realizada pelo projeto *Sentidos do Nutrir*, no Sesc Campo Limpo, em novembro de 2020

PELAS CRIANÇAS

DENTRO DE CASA, LONGE DAS ESCOLAS E DE ESPAÇOS PÚBLICOS
PARA BRINCAR E INTERAGIR, CRIANÇAS MUDAM ROTINA NA PANDEMIA

“**S**audade de como era antes.” Essa é uma das frases repetidas pelas crianças quando questionadas sobre o momento presente.

Saudades de ir ao parquinho, saudades de visitar os avós, tios e outros parentes, saudades de brincar com os colegas da escola, saudades de sair de casa e passear sem medo da rua. “Estudos apontam o impacto emocional ou psíquico do confinamento e isolamento social nas crianças. Se, por um lado, efeitos como obesidade, transtornos de aprendizagem e miopia já eram mais conhecidos na restrição de circulação ao ar livre a que as crianças estavam expostas, somam-se a estes, agora, outros efeitos de saúde mental: a diminuição de atividades físicas, o aumento do uso de telas, e a falta de contato com outras crianças”, ressalta Laís Fleury, coordenadora do programa Criança e Natureza, do Instituto Alana.

Esse impacto da pandemia sobre a infância foi debatido durante a 6ª Ciranda de Ações, em fevereiro. A iniciativa tem como foco a união dos integrantes da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) na construção de uma agenda propositiva para as crianças. Na ocasião, foi lançada uma série de vídeos intitulada *Escuta das Crianças* em contexto de pandemia, que dá voz a meninos e meninas de diversas regiões do país. “Elas trazem a falta que sentem dos colegas, reclamam de ter que honrar as medidas sanitárias, como usar máscara todo dia e precisar passar álcool em gel nas mãos e aparece muito a vontade de que a vacina chegue rápido para proteger a todos, da retomada da rotina e da construção de relações melhores”, conta Fleury.

VULNERABILIDADE EM QUESTÃO

Outro importante debate que envolve as infâncias diz respeito à adaptação a aulas remotas e à criação de momentos de lazer propiciados pelo meio digital. Nessa discussão, deve-se levar em conta um número expressivo de crianças sem acesso à internet. Segundo pesquisa TIC Domicílios 2019, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), dados preliminares do levantamento mais recente apontam que quase 5 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre 9 e 17 anos, vivem em domicílios sem acesso à internet. E a exclusão é maior entre moradores das áreas rurais, das regiões Norte e Nordeste, e das classes D e E. Quer dizer, o mundo digital não existe da mesma maneira e como uma ferramenta possível para todas as infâncias.

Professora de Direitos Humanos dos Refugiados e Direito da Criança e do Adolescente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Lucinéia Rosa dos Santos frisa que a pandemia escancarou as desigualdades e, com isto, ao nos referirmos ao ambiente escolar, por exemplo, crianças de famílias com maior vulnerabilidade não dispõem de condições para a possibilidade de um estudo remoto e o acompanhamento das aulas. “Isso acarreta uma enorme evasão escolar e o retrocesso na aprendizagem. Sem falarmos nas condições em que muitos dos pais acabam deixando-os em casa, sob os cuidados de irmãos mais velhos que também são crianças, ou aos cuidados de vizinhos, para que haja possibilidade de atribuir minimamente o sustento aos filhos”, aponta.



Reprodução

Sarau online do Curumim de Osasco. Participaram Daniel Viana e Ronaldo Grillo, de Guardanapos Poéticos e Viagens Ilustradas, para registrar esse encontro em poesia e ilustração

Além disso, a professora ressalta outra vulnerabilidade das crianças. “Muitas vezes, em razão do trabalho diário dos pais e mães, o convívio com os filhos tornou-se muito escasso, ou seja, não havia um convívio maior a fim de acompanhar efetivamente o desenvolvimento da criança, muitas vezes deixando no plano da educação escolar o papel que os pais deveriam cumprir”, complementa.

Conectadas ou desconectadas, as infâncias já estavam atravessando inúmeros desafios. “Importante lembrar que, mesmo antes do início da quarentena provocada pela pandemia, as crianças já vinham sentindo certo tipo de confinamento físico e social. Com a maior parte da população brasileira morando em áreas urbanas, o modo de vida de muitas delas tem se restringido a espaços fechados”, afirma a coordenadora do programa Criança e Natureza do Instituto Alana. “Essa realidade já configurava um quadro em que as crianças tinham poucas oportunidades de usufruir os espaços ao ar livre, com reflexos significativos em seu desenvolvimento integral e saudável.”

Direcionado a crianças de 7 a 12 anos, o Programa Curumim, realizado pelo Sesc São Paulo desde 1987, reuniu todas essas reflexões e dados para pensar em novas formas de interação, atividades e brincadeiras. Antes, os encontros semanais e presenciais consistiam em oficinas, jogos, passeios, vivências ambientais, culturais e corporais com o propósito de contribuir para o desenvolvimento integral da criança, com base na autonomia, afetividade, cooperação, senso crítico, e o

respeito pelo próximo. Desde o começo da pandemia, o programa adaptou sua metodologia, em que todas as ações realizadas permitem a articulação entre os diversos saberes trazidos pela criança, a partir do contexto em que ela vive, de modo a colaborar com sua formação e desenvolvimento. Para isso, foram criadas outras maneiras de estar presente no dia a dia dos participantes e de seus familiares. No momento, estão inscritas 3.429 crianças no Curumim em 33 unidades do Sesc São Paulo.

Por exemplo, no Sesc Piracicaba (leia boxe *Asas ao curumim*), o projeto *Biblioteca Drive Thru* propôs a circulação dos livros do acervo entre as crianças, no período de isolamento social, e se mostrou uma grande oportunidade de manutenção dos vínculos. Os livros são dispostos no estacionamento da unidade a cada 15 dias, e podem ser retirados e devolvidos pelos pequenos leitores. Também há a oportunidade do contato distanciado com as educadoras e educadores, que realizam a entrega e recepção dos materiais com o devido distanciamento e protocolos de segurança.

A estudante Nathália Vitória, 12 anos, que participa do Curumim do Sesc Santos, conta que na quarentena teve que se adaptar e fazer videochamadas semanais. “Eu me diverti muito. Joguei, fiz brincadeiras, jornal, coral e conversei um pouquinho também”, contou em depoimento aos educadores da unidade. Para Gisele de Araújo, educadora do Curumim de Bertiooga, esse novo formato do programa foi um momento de escuta e acolhimento. “Conseguimos realizar brincadeiras, reforçar nossa imaginação e fantasia, aguçar nosso repertório cultural. Um refúgio lúdico, eu diria, um caminho para nos mantermos próximos mesmo distantes”, arrematou. ■

ASAS AO CURUMIM

AÇÕES PERMITEM TROCAS, BRINCADEIRAS E APRENDIZADOS POR MEIO DE CARTAS, *DRIVE THRU* DE LIVROS, LIVES E AÇÕES DIGITAIS

A pandemia requisitou uma habilidade inerente às infâncias: a imaginação. Dessa forma, medidas restritivas necessárias para conter o avanço da Covid-19 exigiram que os adultos buscassem alternativas para que as infâncias não se limitassem ao espaço doméstico e ao escasso convívio social. Para isso, o Programa Curumim do Sesc São Paulo adaptou suas atividades no início da pandemia. Os educadores e educadoras ressignificaram a relação com as telas e, principalmente, o sentido da palavra encontro, praticando a escuta ativa de cada criança e família, a fim de atender as necessidades de cada grupo.

Segundo Ana Cristina de Souza, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais, no núcleo de Infâncias e Juventudes, desde a interrupção das ações presenciais, as equipes do Curumim buscaram manter de forma constante o vínculo entre as turmas e os familiares. “Novas metodologias para o desenvolvimento das atividades foram criadas, desde o envio de cartas e materiais, aos encontros online, ações estas sempre pautadas nas bases educativas e na escuta”, relata. “Manter o programa ativo também é uma forma de entrar na casa das crianças e levar um pouco da ludicidade e da convivência, de motivar o protagonismo, a experimentação e a cooperação, que são os valores do Curumim, que se estendem para toda a família.”

Confira outras ações e acesse conteúdos como jogos e animações voltados para as crianças e as famílias na plataforma Sesc Digital, atividades nas redes sociais do Sesc São Paulo (@sescsp e <https://www.facebook.com/sescsp>), além da programação Crianças #EmCasaComSesc no canal do YouTube do Sesc São Paulo e no www.instagram.com/sescaovivo, aos sábados, às 15h.

CAMPO LIMPO

Sentidos do Nutrir

Projeto realizado pela unidade Campo Limpo, *Sentidos do Nutrir* busca articular várias percepções colhidas ao longo do trabalho processual desenvolvido virtualmente com as crianças e a partir de demandas do território. Composto por oficinas culinárias e de plantio, suas atividades valorizam o contato com a natureza como elemento do brincar e condição para uma saúde integral a partir de reflexões sobre o consumo consciente e o acesso a alimentos saudáveis.



Henrieta Teixeira



Divulgação

INTERLAGOS

Dramaturgias do Brincar

A exposição virtual *Dramaturgias do Brincar*, criada pela educadora em atividades infanto-juvenis Isabela Mota, aborda o conhecimento sobre si e o mundo ao redor elaborado pelas crianças enquanto brincam. Para esse mundo foram criadas dramaturgias possíveis por meio da organização de imagens registradas em momentos do livre brincar das crianças do programa Curumim da unidade Interlagos antes da pandemia. A exposição se divide em cinco blocos temáticos: Cenários, Processos, As Guerras, As Famílias e Desafios do Corpo. Confira o projeto no portal do Sesc Digital: <https://sesc.digital/colecao/dramaturgias-do-brincar>



Juliana Thomaz

SANTO ANDRÉ

Diários

Projeto realizado pelo programa Curumim da unidade Santo André, *Diários* consiste num programa de cartas enviadas periodicamente pelo correio para as crianças participantes, nas quais são propostas de brincadeiras, leituras e escritas, entre outras ações. Esta foi uma das formas encontradas pelas educadoras para manter o laço afetivo entre as crianças e dar continuidade ao trabalho educativo desenvolvido pelo programa.

GUARULHOS

Curumim em Pauta: Infâncias e Diversidades em Diálogo

Encontros online com debates sobre os diferentes aspectos da diversidade, sempre na perspectiva do desenvolvimento infantil, partindo da identidade, das experiências vividas no cotidiano, tanto no programa, quanto no convívio familiar, com uma linguagem acessível, que permite a troca de experiências e possibilidades de ações.

FIQUEI MUITO TRISTE PORQUE A GENTE IA PARAR DE IR, MAS A GENTE VOLTOU ONLINE E EU FIQUEI ALIVIADO.

Nicolas Correa,
10 anos, participante do Curumim do Sesc Rio Preto

PIRACICABA

Biblioteca Drive Thru

A circulação dos livros do acervo entre as crianças, no período de isolamento social, se mostrou uma grande oportunidade de manutenção dos vínculos. Os livros são dispostos no estacionamento da unidade, a cada 15 dias, e podem ser retirados e devolvidos pela garotada para leitura em casa. Também há a oportunidade do contato distanciado com as educadoras e educadores, que realizam a entrega e recepção dos materiais com o devido distanciamento e protocolos de segurança. No momento a ação foi interrompida e retornará assim que a fase emergencial acabar.

ELE FICAVA MUITO NA TELEVISÃO, NO TABLET, E COM ESSA OPORTUNIDADE DE VIR PARA CÂ DUAS VEZES NA SEMANA NOTEI UMA CRIANÇA MAIS SOLTA, MAIS COMPROMETIDA, COM MAIS VONTADE DE FAZER AS COISAS. AGORA, SAÍRAM DO PRESENCIAL, MAS CONTINUARAM ACOLHENDO NO VIRTUAL, E ISSO É MUITO IMPORTANTE PARA A GENTE.

Fabricia Correa,
mãe do Nicolas

SÃO CARLOS

Aconteceu na Minha Casa

A partir da linguagem do rádio adaptada ao meio virtual, as crianças contam histórias com base em seu cotidiano e podem expressar um pouco dos sentimentos relacionados a este período de isolamento social.



Divulgação

EU FIQUEI TRISTE PORQUE EU GOSTAVA MUITO DO CURUMIM, PORQUE EU IA COM AS MINHAS AMIGAS E A GENTE BRINCAVA DE VÁRIAS COISAS, MAS ESPERO MAIS BRINCADEIRAS DIFERENTES E ENCONTRAR COM MINHAS AMIGAS, PORQUE SINTO FALTA DELAS.

Lorena Oliveira,
11 anos, participante do Curumim do Sesc Rio Preto

EM TERMOS DE BRINCADEIRAS, DE FAZER O BRINQUEDO, O ARTESANATO QUE A GENTE NÃO TINHA O JEITO DE ENSINAR... E QUANDO ELA VEIO PARA O CURUMIM ELA APRENDEU A FAZER ESSAS COISAS, EM CASA ELA FICA BRINCANDO, JÁ COMEÇA A PEGAR CAIXA, FAZER DOBRADURA, A MEXER COM LINHA.

Valcira Oliveira,
mãe da Lorena

CONSOLAÇÃO

Corpo e Território Inventando uma Nova Relação

Os encontros online e a entrega de kit de materiais do projeto *Corpo e Território: Inventando uma Nova Relação* proporcionam atividades mediadas e a busca por reflexões sobre como compreender as transformações causadas pelo atual contexto de restrição social. Além disso, a proposta com as crianças é investigar quais serão as novas relações possíveis entre o próprio corpo e o atual ambiente de convivência e o de quando pudermos nos reencontrar.



Malu Costa

Malu Costa,
recebendo o kit de materiais do projeto *Corpo e Território: Inventando uma Nova Relação*

SANTOS

A Pandemia sob o Olhar das Crianças e dos Jovens

Projeto realizado pelo Sesc Santos em parceria com o jornal *A Tribuna* mostrou como crianças, adolescentes e jovens estão vivendo essa pandemia. Por quais mudanças, restrições e desafios estão passando. O objetivo foi dar protagonismo a esse grupo. Educadores e profissionais da área da saúde também participaram de bate-papos virtuais realizados durante três semanas e que abordaram os sentimentos que afetaram essa grande parcela da população durante a pandemia. O resultado desses encontros foi registrado nas páginas do periódico.



Divulgação

SESC IDEIAS

Agora É com Elas – A Voz das Crianças

Neste período de isolamento social, muito se discutiu sobre a educação, as aulas online, o excesso de tela, a pouca convivência entre as crianças e a falta de espaços para brincar. Para falar sobre a pandemia, o Sesc Ideias *Agora É com Elas*

– *A Voz das Crianças* convidou participantes do programa Curumim para compartilharem vivências e impressões na pandemia. Participaram Cecília Silva, 9 anos, que frequenta o Curumim no Sesc Ipiranga há dois anos, e João Lucas Rodrigues Zanis, de 10 anos, do Curumim no Sesc Rio Preto de 2019 a 2020. Também faz parte do bate-papo Maria Clara Ferreira Nascimento, de 13 anos, do Curumim no Sesc Sorocaba desde 2016, que tem o canal no YouTube Pretinha Sim. Assista no canal do YouTube do Sesc São Paulo: www.youtube.com/sescsp.



Reprodução





Cultura em gestão

De que forma o reconhecimento e o fomento da pluralidade de manifestações culturais numa comunidade podem ser traduzidos em políticas públicas? E quais iniciativas passadas podemos mirar como referências para os próximos gestores culturais do país? Na década de 1930, na cidade de São Paulo, o escritor e professor de música Mário de Andrade (1893-1945) foi pioneiro nesta seara ao desenvolver uma política pública de cultura enquanto esteve à frente do Departamento de Cultura e Recreação da prefeitura de São Paulo. “Pensando em atenuar a vida dos operários, em sua maioria estrangeiros, Mário concebeu uma rede de Casas de Cultura, que contariam com biblioteca popular, orfeão [*agremiação cujos membros se dedicam ao canto coral*], auditório para conferências e projeções, sala de música e rádio, clube popular (bilhar, pingue-pongue, baralhos), banhos públicos e aparelhos ginásticos. Na visão dele, cultura e recreação completavam-se em espaços que favoreciam o convívio social”, analisa Carlos Augusto Calil, professor do Departamento de Cinema, Televisão e Rádio da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Já nos anos 2000, outro gestor cultural de relevante impacto sobre políticas culturais, desta vez do país, foi o músico Gilberto Gil, que atuou como ministro da Cultura. “O ministro/Ministério criou um dos primeiros órgãos dedicados ao tema: a Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural. Mais que as variadas versões sobre sua criação, importa sua atuação. Sob o comando de Sérgio Mamberti, ela estimulou o Brasil Plural e cuidou dele. Gil e seu Ministério cultuaram sempre políticas para a diversidade cultural”, explica Antonio Albino Canelas Rubim, professor do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste *Em Pauta*, Calil e Rubim, que ministraram o curso online *Pensadores(as) de Políticas Culturais*, ao lado de outros especialistas, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo (CPF), refletem sobre a contribuição destes dois nomes ao pensamento e à formulação de políticas culturais no Brasil.

A invenção da política pública de cultura em São Paulo

CARLOS AUGUSTO CALIL

Entre 1935 e 1938 no Departamento de Cultura e Recreação da prefeitura de São Paulo, Mário de Andrade (1893-1945), poeta, crítico e professor de música, desenhou uma pioneira política pública de cultura. As condições políticas eram surpreendentemente favoráveis.

Após derrotar os paulistas em 1932, Getúlio Vargas teve de negociar a convocação de uma Assembleia Constituinte. Nomeou Armando de Sales Oliveira, um dos líderes revoltosos, interventor federal em São Paulo em troca do apoio a um mandato presidencial a ele concedido indiretamente pelo Congresso. Desse modo, ambos revestiram de legitimidade democrática as respectivas administrações. A Constituição de 1934 possibilitou um mandato indireto federal a Getúlio e um estadual a Armando.

Armando de Sales Oliveira deu, então, início ao projeto político que visava devolver aos paulistas o comando da República, subtraído pelo golpe de 1930. Ele representava a oligarquia que gravitava em torno de Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*. A partir do governo do estado, o Partido Constitucionalista iria disputar as eleições presidenciais de janeiro de 1938.

Fábio Prado, grande empresário e membro de ilustre família, foi nomeado prefeito de São Paulo. Chamou Paulo Duarte para a chefia de seu gabinete e deu cunho verdadeiramente moderno à administração municipal. Anos antes, Paulo Duarte havia estimulado discussões sobre o papel que a cultura poderia desempenhar na sociedade. Reunia em seu apartamento na avenida São João, em torno de uma mesa farta, os companheiros da jornada modernista: Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Couto de Barros, Alcântara Machado, Tácito de Almeida, Paulo Magalhães e Mário de Andrade. O que passava por diletantismo visionário acabaria por se tornar a primeira política cultural do mundo.

CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE CULTURA

Uma vez instalado no centro do poder municipal, Paulo Duarte deu início à conversão do governador e do prefeito à ideia de criar na prefeitura um Departamento de Cultura e Recreação com atuação transversal. A ideia decerto foi

facilitada pela recente instalação da Escola de Sociologia e Política (1933) e da criação da Universidade de São Paulo (1934). A implantação do Departamento de Cultura completava um projeto político de dotar a população – e não apenas a elite – de meios de elevação do nível de consciência política por intermédio da cultura e do desenvolvimento da inteligência. O Departamento de Cultura fazia parte de uma política de governo. [O sociólogo e crítico literário] Antonio Candido percebeu essa contradição e a interpretou como sendo o “caso de uma vanguarda político-cultural à sombra de uma situação oligárquica, que a aceitou e apoiou”.

Paulo Duarte sugeriu ao prefeito que convidasse Mário de Andrade para dirigir o Departamento de Cultura. De sua equipe participariam Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e Paulo Magalhães em postos-chave. Mário hesitou, a princípio, mas depois acabou aceitando, com certo alívio. O poeta tinha passado por uma crise existencial quando completara 40 anos. A direção do departamento iria exigir dele dedicação integral. Seus projetos e obras ficariam “para depois”. Em carta a Câmara Cascudo confessou sua radical transformação:

Ah, você nem imagina o que está sendo minha vida, uma ferocidade deslumbrante, um delírio, um turbilhão sublime, um trabalho incessante, dia e noite, noite e dia, [...] bateu uma aura de progresso neste município sofrido, veio um prefeito que topa as coisas de cultura também, incrível! e me chamaram pra dirigir a coisa, imagine só, numa terra em que tudo está por fazer! Tou fazendo. [Carta de 15 de abril 1936; Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944/pesquisa documenta, livro por Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Marcos Antonio de Moraes, Editora Global].

A moldura institucional do Departamento de Cultura e Recreação era excepcional. Constituiu uma das seis unidades administrativas da prefeitura no mesmo nível dos departamentos Jurídico, de Obras, de Expediente e Pessoal, de Higiene, da Fazenda. Como a Constituição de 1934 designava a competência do governo do estado sobre a educação pública, às prefeituras era facultado investir até 10% de seu orçamento em atividades de educação *lato sensu*.

O prefeito Fábio Prado usou dessa liberdade e dotou o Departamento de Cultura de verbas robustas para aplicar em cultura, lazer, esportes, turismo, meio ambiente, assistência social, estatística e planejamento. Cultura era então entendida numa perspectiva transversal e integradora.

NECESSIDADES SOCIAIS

O programa do Departamento de Cultura era ambicioso. Conjugava as necessidades sociais e simbólicas da população com a pauta pessoal de Mário de Andrade, que, ao mergulhar com gosto na administração pública, conferiu ao projeto político uma vertente idiossincrática, segundo o seu temperamento. Agia como escritor público, que encarna na sua arte o devir da nação. A visada do trabalho do departamento era ampla, em escala nacional, como atestou, entre outras iniciativas, a realização da Missão de Pesquisas Folclóricas.

Entre as demandas sociais, havia o lazer e o cuidado com as crianças, sobretudo de origem operária, agrupadas em parques infantis, onde podiam exercitar-se e expandir sua natureza, amparadas em complemento nutricional, como o copo de leite e a merenda, além de contar com serviços médicos e dentários. Do ponto de vista do diretor do departamento, a agenda passava pela educação musical, por meio da socialização, e a defesa das manifestações populares, em paralelo com a etnografia.

Na confluência, encontravam-se as ações em benefício da leitura e das bibliotecas. Também aqui a intervenção do poder público foi intensa e generosa. Cobria do incentivo à criação de um curso de biblioteconomia à constituição de uma coleção Brasileira; da construção de uma biblioteca condizente com uma metrópole que já atingira um milhão de habitantes à constituição de uma rede de bibliotecas populares, sediadas em casas de cultura; da urgência de criar uma biblioteca infantil à defesa intransigente de verba para a compra de livros.

A nomeação de Mário para a direção do Departamento de Cultura é de 31 de maio de 1935. Menos de três meses depois, ele assinava um ofício ao prefeito propondo a instalação da primeira biblioteca circulante, “que, em vez de esperar em casa pelo público, vai em busca do seu público onde este estiver”.

Ao cidadão que procurasse descanso num parque público, ele oferecia uma minibiblioteca ambulante, que convidava à leitura ao abrigo das árvores frondosas. Para o grande escritor, o estímulo à leitura não era apartado do ócio, do lazer, por isso cunhou a expressão “dando ao *far-niente* uma orientação cultural”.

Pensando em atenuar a vida dos operários, em sua maioria estrangeiros, Mário concebeu uma rede de casas de cultura, que contariam com biblioteca popular, orfeão, auditório para conferências e projeções, sala de música e rádio, clube popular (bilhar, pingue-pongue, baralhos), banhos públicos e aparelhos ginásticos. Na visão dele, cultura e recreação completavam-se em espaços que favoreciam o convívio social. Apesar de anunciadas para 1936, sua implantação nunca se concretizou.

O golpe de Estado que cancelou a eleição presidencial e estabeleceu a ditadura do Estado Novo em 1937 interrompeu a administração Fábio Prado, que não teve tempo de concretizar a implantação das casas de cultura. Era o fim do sonho político dos paulistas. Ademar de Barros foi nomeado interventor em São Paulo e Prestes Maia, prefeito.

Mário de Andrade é o primeiro dirigente a ser afastado, sofre perseguição política e sua gestão é submetida a auditoria, numa clara tentativa de desmoralização. Cai em depressão e muda-se para o Rio de Janeiro. Desmontava-se lentamente todo o aparato institucional construído. Para Prestes Maia, o Departamento de Cultura não passara de “brincadeirainha”. ■

CARLOS AUGUSTO CALIL é professor do Departamento de Cinema, Televisão e Rádio da ECA-USP. Foi dirigente de órgãos públicos (Embrafilme, Cinemateca Brasileira, Centro Cultural São Paulo) e Secretário Municipal de Cultura de São Paulo (2005-2012).

O PROGRAMA DO DEPARTAMENTO
DE CULTURA ERA AMBICIOSO. CONJUGAVA
AS NECESSIDADES SOCIAIS E SIMBÓLICAS DA POPULAÇÃO COM A PAUTA PESSOAL
DE MÁRIO DE ANDRADE, QUE, AO MERGULHAR COM GOSTO NA ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA, CONFERIU AO PROJETO POLÍTICO UMA VERTENTE IDIOSINCRÁTICA

Gilberto Gil como pensador de políticas culturais

ANTONIO ALBINO CANELAS RUBIM

O que se espera tradicionalmente de um pensador? Que seus pensamentos estejam expressos em algum material. Normalmente textos escritos. Gilberto Gil não é, por profissão ou por imersão, um pensador em um sentido tradicional. Poucos textos escritos por ele foram localizados sobre políticas culturais. Cabe uma pergunta radical: por que apenas considerar o pensamento como texto escrito? O pensamento pode se traduzir em outros suportes. Precisamos abandonar os limites da racionalidade instrumental ocidental.

Gilberto Gil, músico visceral, se expressa de modo privilegiado na canção. Na sua performance de “cantautor”, no seu itinerário musical, nas suas canções, é traduzido seu modo de imaginar a vida, a cultura e até políticas culturais. Impossível desconsiderar atos, gestos e registros de Gil para compor o mundo. Suas atitudes e universo musical tecem “textos” para acolher seu pensamento.

Os poucos textos complementam seu pensamento político-cultural. Na quase ausência de textos escritos, a verbalização em discursos e entrevistas ocupa lugar de destaque. Cabe tratar com cuidado tais narrativas, pois elas têm limites. Prática corrente de autoridades ter escrevinhadores para discursos. Emerge o tema da autoria do pensamento. Atenuante: escrevinhadores e discursos passam pelo crivo das autoridades. As discrepâncias de visões entre autoridades e escrevinhadores diminuem. Ainda que persistam anomalias. As entrevistas ao vivo expressam melhor o pensamento das autoridades. Discursos e entrevistas também se tornam fontes do pensamento de Gil.

O percurso de “cantautor” produz sentido sobre cultura e políticas culturais. Ele importa para analisar as noções/concepções de cultura de Gilberto Gil. Não existem políticas culturais sem que acolham concepções de cultura. Nas músicas, modo vital de se expressar, Gil concebe o mundo e a cultura. As noções de políticas culturais afloram bem pouco nesses materiais. Difícil imaginar músicas sobre políticas culturais. Provavelmente seriam insossas. Mas músicas e trajetórias político-culturais são vitais para pensar Gil.

A umbilical ligação entre Gil e suas canções desvela seu pensamento, por meio de análises de música e letra. Tal percurso analítico exige saberes especializados e refinados de

música e de poética, além de larga temporalidade, alternativa agora impossível por diferentes motivos. Nas artes e na música, o pensamento não pode ser pura racionalidade, antes complexo imbricamento de racionalidade e sensibilidade. Além das canções, Gil se expressa em seu itinerário musical. Alternativa escolhida: acompanhar sua trajetória músico-cultural e observar seus impactos no pensar de Gil sobre a cultura e políticas culturais.

ITINERÁRIO COMO FORMATADOR DE PENSAMENTO

Um olhar da trilha musical de Gil permite ver seu pensamento vivo sobre a cultura. Gil da infância em Ituaçu (BA) se impregnou da música e da cultura nordestina. Luiz Gonzaga para sempre será referência musical e cultural. O aprendizado do acordeão simboliza esse momento existencial. Gil, já soteropolitano, foi tomado pelo encanto de João Gilberto Bossa Nova. O violão sinaliza a nova sonoridade descoberta. Gil, estudante da UFBA, frequenta os Seminários de Música de Hans Koellreutter e de autores das vanguardas musicais eruditas europeias. Gil, estudante da UFBA, participa do CPC (Centro Popular de Cultura) – UNE (União Nacional dos Estudantes), dirige sua escola de samba e interage com a cultura nacional-popular.

Gil concorre nos famosos festivais de música brasileira. Eles agitam a juventude e a televisão nos anos 1960. Em “Domingo no parque”, está junto com o rock dos Mutantes. Gil com Caetano Veloso e grupo baiano inventam o Tropicalismo, movimento músico-cultural de inspiração antropofágica oswaldiana [*o escritor Oswald de Andrade (1890-1954) lança o Manifesto Antropófago em 1928*]. Ele se alimenta de Beatles, Jovem Guarda, vanguarda erudita, poesia concreta e de diversas outras tradições culturais, inclusive as vividas anteriormente.

Gil, no exílio em Londres, dialoga com a cultura musical internacional, que floresce naqueles anos imaginativos. Gil descobre a cultura negra e sua negritude. Gil é seduzido pela mensagem/musicalidade do Reggae. Na volta, ele reanima o afoxé Filhos de Gandhi no carnaval de Salvador.

Os diálogos musicais e culturais de Gilberto Gil são imensos e intensos. Eles facilmente transcenderiam o tempo

do texto. Muitos anos e diálogos músico-culturais faltariam até o Gil contemporâneo. O conservatório musical/cultural compõe Gilberto Gil.

Impossível não perceber sua visão aberta e ampla de cultura. Da cultura que permeia a sociedade em todas as gentes e lugares. A vivência do “cantautor” Gilberto Gil no mundo possibilita tal abertura. Fácil entender a reiterada afirmação do ministro e do Ministério do conceito amplo de cultura. Para Gil todas as músicas são músicas. Sua qualidade não é dada pela inscrição social e institucional ou por sua catalogação em música/cultura erudita, comercial, independente, popular, vanguardista etc.

Sua concepção de cultura é alicerce para um conceito ampliado de cultura. Como toda política cultural traz imanente uma concepção de cultura, Gil adota na sua política cultural a noção ampla de cultura. O conceito vinha sendo difundido no mundo pela Unesco desde 1982, a partir da Conferência Mundial de Políticas Culturais, realizada no México. Gil sintonizou as políticas culturais nacionais com tal perspectiva. Elas abandonaram a noção restrita de cultura apenas como artes e patrimônio. Sua experiência de vida e a experiência da Unesco convergem. Suas políticas culturais adotam a noção ampla de cultura.

ITINERÁRIO E POLÍTICAS CULTURAIS

A brevíssima trajetória musical/cultural traçada acolhe múltiplos diálogos com diversas músicas e culturas: nacionais, internacionais, populares, vanguardistas etc. Músicas e culturas elaboradas em variadas musicalidades, ritmos e tons. Gilberto Gil, “cantautor”, compõe e inventa diálogos musical/cultural intensos. Natural que em muitos atos, falas, gestos, obras, oportunidades, ele reivindique a mestiçagem e a hibridização da música e da cultura. O Tropicalismo exemplifica com potência tais atitudes e concepções. Para além do tropicalista, Gil acolheu a mestiçagem cultural. Daí sua fácil aproximação da diversidade cultural. Gilberto Gil traduz a diversidade cultural em política cultural.

PARA ALÉM DO TROPICALISTA,

GIL ACOLHEU A MESTIÇAGEM CULTURAL.

DAÍ SUA FÁCIL APROXIMAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL.

GILBERTO GIL TRADUZ A DIVERSIDADE CULTURAL EM POLÍTICA CULTURAL

Gil assumiu o Ministério da Cultura em 2003. Entre 2001 e 2005, a Unesco patrocinou debate sobre diversidade cultural. A Declaração Universal da Diversidade Cultural foi aprovada em 2001. Para além da declaração, a Unesco e os países queriam uma convenção. A convenção é um instrumento jurídico mais potente que a declaração. Gil se engajou na mobilização internacional a favor da convenção. Ele articulou/liderou países latino-americanos e africanos, especialmente. Em 2005, a convenção foi aprovada em retumbante vitória. Mais de 150 votos a favor, dois contra (EUA e Israel) e cinco abstenções.

A acolhida visceral não se fez apenas em patamar internacional. O ministro/Ministério criou um dos primeiros órgãos dedicados ao tema: a Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural. Mais que as variadas versões sobre sua criação, importa sua atuação. Sob o comando de Sérgio Mamberti, ela estimulou o Brasil Plural e cuidou dele. Gil e seu Ministério cultuaram sempre políticas para a diversidade cultural.

A luta internacional pela diversidade cultural reuniu Gil e Celso Amorim. Combinou Ministério da Cultura e Ministério das Relações Exteriores. Convergiu com a trajetória músico-cultural internacional de Gilberto Gil. Daí nasce uma dimensão relevante das políticas culturais pensadas por Gil. Assessoria internacional, mudanças e finalmente uma diretoria internacional. A dimensão internacional das políticas culturais ganha lugar no Ministério.

A noção ampliada e o acolhimento da diversidade cultural balizam inovações. Imaginam-se novas políticas, programas e projetos no Ministério. Alguns em diálogo com outros pensadores como Orlando Sena e colegas: *Revelando Brasis*, *DOC-TV*, *Brasil de Todas as Telas* etc. E o mais visível deles, o *Programa Cultura Viva* e seus pontos de cultura. Improvável uma precisão milimétrica da contribuição de cada formulador. Projeto coletivo possível no ambiente criado pela presença agregadora de Gil.

ANTONIO ALBINO CANELAS RUBIM é pesquisador do CNPq e do Centro Multidisciplinar de Estudos da Cultura, professor do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ex-presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia e ex-secretário de Cultura da Bahia.

Todos os TONS

TROPICALISTA PLURAL E
ATEMPORAL TEM VIDA E OBRA
ORQUESTRADAS EM BIOGRAFIA

Nascido em Irará, no estado da Bahia, Antônio José Santana Martins, popularmente conhecido como Tom Zé, segue driblando os ponteiros do relógio, aos 84 anos. Radicado em São Paulo desde os anos 1960, esse compositor e cantor, referência na música mundial, tem mesmo a verve de um contador de histórias. Parte disso se deve a sua memória extraordinária. Outra parte à memória infalível de sua companheira, Neusa Martins, com quem está casado há mais de quatro décadas. Na recém-lançada biografia *Tom Zé – O Último Tropicalista* (Edições Sesc São Paulo, 2020), do crítico italiano Pietro Scaramuzza, compreendem-se as raízes de Tom Zé – da descoberta do talento para canções sobre vida e personagens do cotidiano ao reconhecimento como tropicalista e à criação de álbuns que marcaram a carreira de músicos como Rita Lee e David Byrne. O livro também abarca memórias da infância, quando, atrás do balcão da loja do pai, lia *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, além do episódio em que, por um triz, quase deixou a música para assumir a gerência de um posto de gasolina. “Eu não sabia fazer música de nenhum tipo, então eu inventava um jeito de fazer música em Salvador como eu fazia em Irará: a mulher que vendia acarajé na porta do Colégio da Bahia, que todo mundo conhecia, fazia fuxico, até namoro ela arranjava para os alunos, entre outros personagens”, conta neste *Encontros*.

O NORDESTINO

Esse livro foi todo feito nas coxas do WhatsApp. E era uma alegria porque Pietro [Scaramuzza] era tão provocador de coisas... Ele sabia pontos e ia lá cutucar, e, quando eu lia, aquilo parecia mesmo um romance. Aquela história ligada ao interior... Eu pensava que ninguém do mundo sabia da nossa existência. Uma vez, eu perdi o ano em ginástica e fiquei as férias todas em Irará estudando. Eu era um péssimo estudante. Não queria saber dos livros, os gibis que trouxe de Salvador acabaram logo e em Irará não tinha gibi. Numa prateleirazinha tinha um livro assim: Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Valha-me, Nossa Senhora. Acabei pegando. Meus tios falavam muito: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Então, comecei a ler a segunda parte, sobre o homem, falando do nordestino. Comecei a desconfiar que ele estava falando de mim e do freguês da loja de meu pai que eu atendia e conhecia e que ia à cidade um pouco para conversar, um pouco para ouvir e principalmente para falar. Quando ele chegava, meu pai pegava duas ou três cadeiras e ia no bar pegar um refresco gelado, que era só um copo embaçado, uma geladeira de um candeeiro que produzia o frio. Então, eles tomavam aquele negócio “gelado” e conversavam, e comecei a me interessar por aquelas conversas. Quando fui ler Euclides da Cunha, ele falava justamente dessa criatura, depois ele falava dos charutos de Cachoeira [*município da Bahia*], que era perto da gente. Até o dia em que não tinha mais dúvida: ele [*Euclides da Cunha*] estava falando da gente mesmo. Nesse dia, é claro, a gente chora. E chorar nesse tempo não vendia imagem nem dava audiência de televisão. Então, eu e o Pietro escrevemos tudo isso com alegria.





André Cornti

TOM ZÉ
esteve presente na
reunião virtual do
Conselho Editorial da
Revista E no dia
18 de fevereiro de 2021

O OUVINTE

Eu ouvia a rádio Nacional do Rio de Janeiro nos anos 1950, era criança nessa época, e a rádio era uma verdadeira universidade. Produtores faziam com o *casting* de grandes artistas brasileiros, cantores daquele tempo, programas excepcionalmente interessantes. E, na minha casa, por acaso, tinha um rádio de galena [*um dos receptores mais simples de modulação AM que se pode construir; utiliza as propriedades semicondutoras do mineral galena*]. Tinha uma rádio vizinha à rádio Nacional, a rádio *El Grano de Buenos Aires*: eu ficava ouvindo aquela língua estranha que até futebol irradiava, jogadores que eu não sabia quem eram. É claro que lá em Irará a gente tinha time no Rio de Janeiro, porque Getúlio Vargas não deixava que as emissoras de rádio de São Paulo tivessem 50 quilowatts, porque São Paulo era um lugar criador de problemas para ele, e tinha feito a revolução. Depois, tive um tio meu, Vicente, que, quando chegou em Salvador, pegou um rádio para ouvir as emissoras do Rio de Janeiro e outras. Eu passei a conhecer Corinthians, Velo Clube, todos esses times grandes e pequenos de São Paulo. E passei a conhecer um pouco de São Paulo. Depois, com a televisão, era um assombro... Aliás, na chegada da bossa nova e da televisão, tinha um programa de calouros que se chamava *Escada para o Sucesso*, domingo às oito horas da noite. Meu primo Roberto Santana, que sempre foi mais hábil, mais civilizado, um dia mandou dizer: “Você vai cantar no *Escada para o Sucesso*”.

O CANTOR

Pelo menos numa coisa eu acertei: em Irará, eu descobri que não sabia fazer música romântica, que minha namorada me chamou para cantar e eu não conseguia abrir a boca. Mas começou a nascer uma coisa completamente fora de lógica na minha cabeça, que era não fazer mais música, mas jornalismo cantando. Quer dizer, fatos engraçados na vida do iraraense eu transformava em música. Era interessante como era difícil colocar o indicativo do presente do verbo em música. Que tipo de dificuldade mais inesperada. Porque a música falava de um lugar passado, um lugar distante, um lugar remoto, que na verdade não existia. Eu passei sete anos na escola de música da Universidade da Bahia. Lá tinha

o Koellreutter [*Hans-Joachim Koellreuter, compositor, professor e musicólogo brasileiro de origem alemã, que chegou ao Brasil em 1937 e tornou-se um dos nomes mais influentes na vida musical no país, 1915-2005*]. O reitor da Universidade da Bahia, Edgar Santos, chamou o Koellreutter para fundar a escola de música e disse que ele podia fundar a escola que ele quisesse. Aí o Koellreutter fundou uma escola em que os artistas tinham o contato com a música que estava acontecendo naquele momento no mundo: a música erudita, a música pós-tonal depois de Schoenberg [*compositor austríaco de música erudita e criador do dodecafonismo, um dos mais revolucionários e influentes estilos de composição do século 20, 1874-1951*]. E isso educou praticamente o Tropicalismo.

COMEÇOU A
NASCER UMA COISA
COMPLETAMENTE
FORA DE LÓGICA
NA MINHA CABEÇA,
QUE ERA NÃO FAZER
MAIS MÚSICA,
MAS JORNALISMO
CANTANDO

O TROPICALISTA

O Antonio Risério tem um livro, *Avant-Garde na Bahia: Pontos sobre o Brasil* (1995), que conta essa história com conhecimento e finura, porque ele é um grande escritor. Depois que li, compreendi que foi esse contexto [*da escola de música com Koellreutter e outros professores da época*] que fez o Tropicalismo. Então, em Salvador, você circulava numa cultura que ninguém pensava que uma cidade do interior, como era Salvador, podia ter, e nem a gente sabia que a gente estava sendo educado por um universo altamente sofisticado – e isso fez o Tropicalismo. Não há a menor dúvida. Eu não sabia fazer música de nenhum tipo, então eu inventava um jeito de fazer música em Salvador como eu fazia em Irará: a mulher que vendia acarajé na porta do Colégio

da Bahia, que todo mundo conhecia, fazia fuxico, até namoro ela arranjava para os alunos, entre outros personagens. Como a história de uma guerra da lagosta, que foi uma briga entre França e Brasil por causa da pesca num mar que já era brasileiro. Todas essas coisas eu já transformava em música, e, quando eu cantava, me apresentaram ao pessoal do Tropicalismo, que já tinha ouvido falar de mim cantando na televisão, e aí Caetano e Gil me convidaram para fazer os shows. Depois [*o dramaturgo e ensaísta Augusto*] Boal chamou esse grupo para vir a São Paulo para fazer o *Arena Canta Bahia*. Então, os baianos também me trouxeram para fazer esse espetáculo em São Paulo [*nos anos 1960, época em que se muda para a capital paulista*].

O INCANSÁVEL

Eu sempre fui um trabalhador voraz. Eu acordava às três horas da manhã, porque meu pai teve uma padaria, e padaria acorda às três horas para abrir às quatro para vender para os bares que vão abrir perto da cidade. No primeiro dia em que eu acordei cedo o corpo doeu. Uma tortura. Mas, enfim, me acostumei e hoje eu acordo às quatro da manhã, tomo um desjejum, vou trabalhar. Então eu passo o dia todo trabalhando. Eu trabalho feito uma Inês de Castro [nobre europeia da região de Castela que protagonizou o mais famoso e trágico caso de amor da história portuguesa, recontada por escritores, entre eles, Camões]. Teve um momento em que eu vivia mais ou menos como um cantor popular. Tinha uma música ou outra na parada de sucessos, era chamado para tudo quanto é televisão, mas quando eu fiz o disco *Todos os Olhos* (1973), que é um dos melhores discos da minha vida, eu deixei de ser chamado para entrevistas, diminuí a procura minha em rádio. Passaram-se 20 anos assim. A rádio Bandeirantes tinha um programa de pessoas desaparecidas, e um ouvinte ligou perguntando por Tom Zé. Aí o diretor da rádio ligou aqui para casa e eu disse que continuava trabalhando e eu trabalhava muito com

a classe estudantil, a classe universitária me sustentou durante 20 anos. Todo dia eu dirigia uma Brasília, passando por universidades para os alunos me ouvirem. Na hora que veio o posto de gasolina, até a classe estudantil estava me botando de lado. Então, resolvi largar a música e ir para Irará. Liguei para meu sobrinho que tinha um posto de gasolina, me oferecendo para ser o gerente dele no posto, e já estava pensando em ir quando apareceu a notícia de que David Byrne [o líder da banda *Talking Heads*] vinha ao Brasil. O [jornalista] Matinas Suzuki, da *Folha de S.Paulo*, fez uma entrevista com David Byrne no escritório dele e viu sobre a mesa: “Procurar Tom Zé”. E ele botou isso [na entrevista publicada]. Aí Neusa deu um grito. Ela conhecia David Byrne, conhecia a música, o grupo dele, as parcerias dele, e eu tinha visto o filme dele havia uma semana, *True Stories*. Nesse livro [a biografia *Tom Zé – O Último Tropicalista*], Byrne se ofereceu para escrever o prefácio e disse coisas inacreditáveis. ■



Como nasce uma obra

COM A PALAVRA, O CRÍTICO ITALIANO PIETRO SCARAMUZZO, AUTOR DA BIOGRAFIA *TOM ZÉ – O ÚLTIMO TROPICALISTA*

Muitos anos atrás me apaixonei pela música brasileira e criei um site na Itália para falar da música brasileira para os italianos. Viajei para o Brasil, fiz entrevistas e numa dessas viagens, depois de muito insistir, Tom Zé me convidou para a casa dele, onde me falou sobre como nasceu o Tropicalismo, Sócrates, poesia provençal. Para mim, foi uma descoberta enorme. Eu tinha preparado uma lista e fiz poucas perguntas. Voltei para casa com tudo isso na cabeça e pensei: preciso saber mais sobre Tom Zé. Busquei uma biografia dele e a Neusa [Neusa Martins, esposa, produtora e companheira de vida do artista] falou que não existia. Enquanto isso, ia acumulando muito material sobre ele, e fiz a proposta – cara de pau – de fazer sua biografia. Posso falar que foi uma experiência incrível, não por ser meu primeiro livro, mas pela possibilidade de mergulhar na vida deste que é um dos maiores artistas que não só o Brasil tem, mas o mundo afora tem. Eu nunca fui a Irará, mas através de Tom Zé eu a conheço. Fui guiado por Tom Zé pelas ruas de Irará e isso para mim foi um privilégio. Quando comecei a pensar na biografia, pensava em falar dos discos, da importância do [álbum] *Estudando o Samba*, mas também queria que uma parte da história de Tom Zé não se perdesse. Coisas da infância dele que só ele podia contar. Coisas do período do ostracismo dele que só ele poderia contar. Tom Zé é o resultado de toda essa história. Trabalhamos por um ano inteiro, graças ao WhatsApp. Marcamos o horário, eu sugeria os temas e a gente ficava conversando assim. No final, acabei escrevendo essa biografia que saiu na Itália. Tivemos a sorte de ter o David Byrne como autor do prefácio. Todos os outros tropicalistas participaram também da biografia, todos deram depoimento. Então foi um trabalho incrível, para mim foi um quebra-cabeça, até porque não tinha outros livros sobre ele. Foi reconstruir uma história maravilhosa, que é a vida do Tom Zé.



Bahia, meu Brasil

EM TEXTO ESPECIAL PARA A REVISTA E, CAETANO VELOSO

FALA DE SEU COMPANHEIRO DE VIAGEM E DA BIOGRAFIA

ESCRITA PELO JORNALISTA PIETRO SCARAMUZZO

er a biografia de Tom Zé, escrita por Pietro Scaramuzzo, foi uma experiência importante para mim. Acompanhar o Tom Zé que eu ainda não conhecia.

Quando ouvi falar dele, em Salvador, já o espetáculo do CPC que ele musicara tinha se tornado famoso. Minha vida se dava num ambiente em que a bossa nova de João Gilberto (e, claro, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes) era tudo o que interessava. O bumba meu boi do CPC era algo que contava, mas não se impunha sobre os acordes dissonantes do novo estilo. Apenas significava um aspecto que, mesmo não parecendo necessário a João Gilberto, era impossível de ser ignorado por nossa atenção: a questão político-social do Brasil. Tom Zé surgiu em minha vida ligado a esse tema. Orlando Sena, então crítico de cinema (função que eu também desejava exercer), promoveu nosso primeiro contato.

O texto de Scaramuzzo é límpido e elegante, sua recriação da formação de Tom Zé encanta e ensina. Mas, possivelmente tendo conhecido Orlando pessoalmente em época recente, julgou que o grande codiretor de *Iracema, Uma Transa Amazônica* tivesse sido sempre magro. Na verdade, Orlando era gordo durante todo o tempo em que convivemos em Salvador. Quase não há erros assim no livro. Erros que eu note logo ou, diferentemente desse, me desagradem. Bethânia e eu nunca fizemos shows em bares de Salvador. De toda a nossa turma, apenas Gil o fez. E num bar só. Corrigindo esses dois lapsos de Scaramuzzo, o livro é revelador da verdade brasileira. Ele descobre que Tom Zé é peça-chave para acessar essa dimensão.

As canções com letras em tom de crônica e melodias atadas a tradições rurais não eram parecidas com o que Gil, Gal e eu queríamos fazer – nem mesmo com o que Bethânia já estava fazendo nas apresentações da semana inaugural do Teatro Vila Velha. Esta, embora viesse a cantar canções nordestinas a partir de seu lançamento nacional no show *Opinião*, não era bossa-novista como nós três, mas tendia mais para o samba-canção dramático dos anos que precederam a bossa. Tom Zé – que participou dos espetáculos do Vila – era em tudo diferente disso e daquilo. Sua verve satírica, retratista e musicalmente insinuando, a partir de padrão nordestino, experimentalismo, só poderia me parecer viável num contexto que veio a se desenvolver pelo que Gil e eu imaginamos causar à criação de canção no Brasil: a virada que ganhou o apelido de “tropicalismo”. Como já se sabe, tive de insistir um tanto com Tom Zé para que ele viesse para o Sudeste. O voo no Caravelle – que é narrado em *Verdade Tropical* e reaparece confirmado no livro de Scaramuzzo – terminou sendo um momento crucial na nossa história: Tom Zé vinha para tornar-se não apenas *O Último Tropicalista*, como talvez o tropicalista mais radical de todo o movimento. Ele, estudando o samba, sintetizou tudo o que sugeríamos em nossas espalhafatosas letras paródicas e colagísticas.

Além de ser do sertão (todos nós outros éramos do recôncavo, nascemos colados ao litoral), ele estudara nos seminários livres de música. Assim, sua dicção, sua perspectiva crítica e sua ambição experimentadora teriam de mostrar-se mais concentradas e consequentes. Já em 1968, quando as explosões tropicalistas tinham se dado (com *Alegria, Alegria, Domingo no Parque* e meu primeiro LP, que continha *Tropicália*), achei que o panorama da canção popular já seria acolhedor da originalidade do estilo criativo de Tom Zé. Tenho muito orgulho de não ter errado.

Quando *Estudando o Samba* foi lançado, eu tinha voltado do exílio em Londres e vivia na Bahia, sem querer ligar-me à vida do Sudeste. Fiz o disco *Araçá Azul* com pegada experimental e fiquei em Salvador concentrando-me na felicidade de estar no Brasil, no meu Brasil que é a Bahia, e, mais ainda, no começo da vida de Moreno, meu primeiro filho. Assim, não acompanhei os desdobramentos do trabalho de Tom Zé com a atenção que ele merecia. Lembro-me do disco que contém “A Brigitte Bardot está ficando velha”. Mas *Estudando o Samba* passou abaixo do meu radar. Quando David Byrne mostrou interesse pela música brasileira – um vivo, surpreendente interesse – ele, que tinha se tornado meu amigo por termos lançado nossos (até aqui) únicos longas-metragens no Festival Internacional de Cinema do Rio, me mostrou as escolhas que fez do que queria apresentar da nossa música ao público norte-americano (e, portanto, mundial). Disse a ele que não opinaria sobre suas escolhas, que deveriam mostrar um ponto de vista de alguém que não vivesse no Brasil. Só não pude reprimir minha pergunta sobre por que Paulinho da Viola não estava incluído. David me respondeu, num restaurante em Nova York, que Paulinho estava guardado para um segundo disco, este exclusivamente sobre samba. Fiquei satisfeito (embora, quando, depois, esse disco saiu, Paulinho, para minha tristeza, seguisse ausente). Um detalhe que Scaramuzzo não conta no livro é que, quando Tom Zé me ligou para perguntar sobre David Byrne estar interessado no trabalho dele, eu, que fiquei contente (e também intrigado por ter mencionado Paulinho mas nem me lembrado de Tom Zé – embora sentisse que Tom Zé fosse como que já representado por presenças tropicalistas no primeiro álbum de

TOM ZÉ
VINHA PARA
TORNAR-SE
NÃO APENAS
“O ÚLTIMO
TROPICALISTA”,
COMO TALVEZ
O TROPICALISTA
MAIS RADICAL
DE TODO
O MOVIMENTO

brasileiras produzido por Byrne), perguntei, mais por cuidado, para que Tom Zé não tivesse nem mesmo uma remota decepção, se talvez não estivessem falando de Tuzé, outro compositor baiano e formado nos Seminários Livres de Música, de obra experimental, com quem David tinha estado nos dias que passou em Salvador, antes de vir pro festival de cinema do Rio: eu tinha sabido que David saíra com Tuzé, que lhe tinha sido apresentado como alguém que lhe seria um bom guia pela cidade. Somado à desatenção pelo trabalho mais recente de Tom Zé na altura, essa suposição

de que pudesse tratar-se de um quase homônimo, conhecido dele e meu, sem dúvida soou mal aos ouvidos de Tom Zé – e ele chegou a mostrar publicamente alguma mágoa ou raiva de mim. Mas nunca isso me pareceu ter tom amargo o suficiente para que me causasse mal-estar ou desgosto.

Toda a queixa de Tom Zé me chegava como parte do estilo de performer que o destaca tanto que fez Paula Lavigne, àquela altura minha namorada, me dizer, surpresa, diante de um show dele no Vila Velha: “Este é um gênio. Caetano, você pode ser bom compositor, ter canções bonitas e até ser bom sobre um palco, mas este aí é um gênio. É coisa diferente”. Tínhamos acabado de assistir a um show em que de fato Tom Zé provocava essa impressão. Eu não discordei de Paulinha nem intimamente. Nem dentro do silêncio de minha cabeça. Além das músicas lindas, Tom Zé fazia um número sentado numa cadeira, com uma riqueza teatral indescritível. Alguns anos depois, fiz um número em que eu me movia, meio dançava, meio contracenava com o violão, sem sair da cadeira em que estava sentado. Não era uma cópia do que Tom Zé fizera: eu tenho um estilo de movimento muito diferente do dele – e

incapaz de transmitir a soltura e a força que ele transmite –, mas havia a estrutura do mover-se sem levantar-se que ecoava a de Tom Zé. Disso também ele reclamou, mas nunca nenhuma dessas queixas dele me feriram a alma. E minha admiração por ele nunca decresceu. Tenho uma vida amorosa muito intensa com o artista Tom Zé. Não podia ser menos do que isso. Que bom que Scaramuzzo captou a dimensão do que, nele, faz com que essa intensidade seja inevitável para mim. Se fosse coisa morna, admiração mútua “equilibrada”, não representaria toda a chama que é a alma artística de Tom Zé.

CAETANO VELOSO



Ética do cuidado

EM MEIO AOS DESAFIOS DE SOBREVIVÊNCIA EXPOSTOS PELA PANDEMIA, O FILÓSOFO ACREDITA NUMA SAÍDA PELO CAMINHO DA DEDICAÇÃO, DO AMOR E DA SOLIDARIEDADE

Aos 82 anos, dos quais dedicou a maior parte a uma visão crítica da realidade, como teólogo, filósofo, ecologista e escritor de mais de 100 livros, Leonardo Boff encontra forças para acreditar que, somada à ciência, a ferramenta de combate ao coronavírus está no cuidado (leia matéria [Bem me Quero](#), na [Revista E nº 291](#), janeiro de 2021). E, para além da vitória sobre a Covid-19, essa atenção especial, segundo Boff, ainda é essencial para uma nova forma de ser e de estar da humanidade no planeta. “O que conta não é o indivíduo, mas a interdependência de todos com todos. O que conta não é a concorrência, mas a colaboração. O que conta não é a exploração da natureza, mas o cuidado da natureza”, disse o autor de *Covid-19: A Mãe Terra Contra-Ataca a Humanidade* (Vozes, 2020), no Sesc Ideias [Saber Cuidar: do Pensamento à Ação](#), durante a programação do Sesc Verão. Afinal, de que forma saber zelar por si e pelos outros se revela uma necessidade urgente no mundo? Quais impactos a falta de cuidado gera e como reverter essas consequências?

SERES INTERDEPENDENTES

Um dos temas fundamentais dessa pandemia é o tema do cuidado. Todos falam da ciência, da técnica, da busca desenfreada da vacina. Isso tudo é muito importante. Mas quase ninguém fala da natureza. Qual é o contexto do vírus? Não dá para pensar nesse vírus isolado nele mesmo. Ele tem um contexto, e ele veio como consequência da ação depredadora dos seres humanos sobre a natureza. O coronavírus quer significar uma lição para a Terra: ele caiu como um raio em cima do nosso modo de habitar o planeta, destruindo, desflorestando, fazendo com que os seres só tivessem valor na medida em que servissem a nós e aos valores básicos desse sistema, que é a cultura do capital, do lucro, da concorrência, do individualismo, da exploração suprema da natureza. O que conta não é o indivíduo, mas a interdependência de todos com todos. O que conta não é a concorrência, mas a colaboração. O que conta não é a exploração da natureza, mas o cuidado da natureza. Então, nós estamos vivendo e nos salvando por aqueles valores que estavam ausentes, ou apenas vividos de forma subjetiva e individual: estamos vendo que o que nos salva é o cuidado.

SOBRE RECIPROCIDADE

O cuidado de uns para com os outros, o cuidado para si mesmo, porque se não cuidarmos somos ameaçados por esse vírus. Hoje, especialmente, o cuidado é fundamental para a questão de higiene, de saúde, e para o cuidado da Terra. Estamos percebendo que a falta de cuidado está levando à morte muitas pessoas. A falta de cuidado de jovens, que entendo estarem cansados do isolamento social, que saem às ruas, querem encontrar os amigos, mas estão sem máscara, não evitam aglomeração. Eles correm o risco de, por falta de cuidado, serem contaminados ou contaminarem. O cuidado é fundamental neste contexto e tem outro contexto que evoca o cuidado: a crise ecológica. Nós sabemos que a Terra está sob uma ameaça muito grande do aquecimento global, da exaustão dos seus bens não renováveis e do desequilíbrio especialmente dos climas que produzem os eventos extremos: grandes nevascas, inundações, terremotos, tsunamis, imensas secas. A biodiversidade está sofrendo um dano fantástico porque, em função da agressividade dos seres humanos sobre a natureza, todo ano estão desaparecendo entre 70 mil e 100 mil seres vivos, depois de viverem milhões e milhões de anos sobre a Terra – por nossa culpa. Então, não temos tido cuidado com a natureza. Por isso, o Papa escreveu sobre o cuidado com a casa, com o mundo.

ESSÊNCIA HUMANA

Há grandes filósofos, como Martin Heidegger (1889-1976), que disse que a essência do ser humano é o cuidado. Porque o cuidado é aquele conjunto de fatores que devem juntos se articular para que surja o ser humano. Se não houver essa combinação prévia, não aparece o ser humano. E os grandes cosmólogos, que estudam a história do universo, dizem que cuidado é uma constante cosmológica, uma lei universal, porque se as quatro energias básicas que fizeram o universo – a energia gravitacional, a eletromagnética, a nuclear fraca e a nuclear forte – não tivessem trabalhado de forma sutilmente cuidadosa, não haveria universo, e nós não estaríamos aqui para falar disso tudo. Então, o próprio universo se rege pelo cuidado para que todos os elementos se combinem, se equilibrem e para que ele continue se expandindo e as estrelas não caíam sobre nossas cabeças.

CUIDAR DE QUEM CUIDA

E quem cuida dos cuidadores? Porque todos nós somos frágeis, e quem está na linha de frente (profissionais da saúde) tem estafa, sofre de desânimo, e está cuidando. Há um grande psicanalista inglês que cuidava das crianças órfãs das bombas nazistas, Winnicott [*Donald Woods Winnicott, 1896-1971*]. Todos os professores da área de Pedagogia o conhecem porque a categoria principal de toda a psicologia dele é o cuidado: cuidar das crianças para que elas cresçam bem, se eduquem etc. E ele diz mais: todos nós somos filhos e filhas do cuidado. Todos os seres têm um órgão especializado que garante a sua subsistência, um patinho nasce e já sai nadando. O ser humano é um ser biologicamente deficiente, nós não temos nenhum órgão especializado. Se nossas mães não nos tivessem acolhido com infinito cuidado ou se nos tivessem abandonado no berço, em um ou dois dias teríamos morrido, porque não saberíamos como deixar o berço e procurar comida. Então, nós somos todos filhos e filhas do cuidado.

ESTADO DE ALERTA

O que a gente constata é que mais ou menos tudo está descuidado. Basta andar pelas ruas do Centro da cidade [*de São Paulo*], há lixo para todo lado, povos que dormem na rua, famílias pedindo

esmola. Nós nem cuidamos da própria natureza. Então, o que predomina é o descuido. Por isso há tanto sofrimento, há tantos sacrifícios de vidas humanas que não precisavam ser sacrificadas, e isso nos leva a dizer que o cuidado é uma urgência humanitária e planetária. Porque, perdendo o cuidado, nós perdemos a humanidade. Ficamos embrutecidos. Basta acompanhar as palavras que surgem nas redes sociais: como as pessoas ofendem os outros sem ter cuidado algum, sem se dar conta do sofrimento que produzem.

AMOR E RESPEITO

Precisamos do respeito, porque todas as coisas que existem têm um valor em si mesmas. Elas não existem porque se destinam para nós. Não, elas têm uma história muito mais velha que a nossa. Quando a Terra toda estava pronta, surgiu a espécie humana. A Terra não precisou da gente para criar sua imensa biodiversidade, criar todos os seres que compõem a comunidade de vida que convive

conosco. Então, é preciso respeitar cada ser, porque eles são ancestrais, muito mais velhos que nós. Junto com isso, a amorosidade, essa capacidade de sair de si e se abrir ao outro, não se fechar, nunca rejeitar ninguém. O amor talvez seja uma das formas mais supremas do cuidar.

PELA EDUCAÇÃO

Devemos incorporar na educação o cuidado com todas as coisas, uma ética do cuidado. Uma dimensão espiritual da vida onde haja solidariedade, amor, onde as pessoas se tratem humanamente. Isso tem que entrar no processo educativo. A realidade exige que a gente enriqueça os processos educativos porque nós temos que aprender a ser cuidadosos, a ser mais solidários, mais cooperativos, mais amorosos, a ser menos excludentes. Somos diferentes, mas somos todos humanos. A educação é onde a gente cresce com esses valores. E devemos nos educar a vida inteira, mesmo no ato de morrer, estamos aprendendo. ■

O CUIDADO É
UMA URGÊNCIA
HUMANITÁRIA E
PLANETÁRIA



LANÇAMENTO

SÉRGIO
MAMBERTI

SENHOR DO MEU TEMPO

DIRCEU ALVES JR. (coautor)

SÉRGIO MAMBERTI
senhor do meu tempo

Sérgio Mamberti
Dirceu Alves Jr. (coautor)

As sendas trilhadas por Mamberti foram percorridas pelo jornalista Dirceu Alves Jr, responsável por estruturar um depoimento em primeira pessoa que além de registrar a biografia do ator, revela como a arte e a política caminharam juntas ao longo de sua história.

Victória del Amor Inmaculado

3º ato

Logo pela manhã a casa foi invadida por um rumor. Quase como se as asas de todas as aves da pequena Coronel Suarez simultaneamente encontrassem, em pleno voo, a fratura. Isabel entrou no quarto de paredes ocre. Alcançou o alto do armário com o auxílio de um banco. Pegou uma caixa de madeira nobre. Sentou-se na cama e a acariciou com as mãos firmes, por longos minutos. O ar do começo de inverno era denso. Ao abri-la, deparou-se com sua pistola de tiro competitivo. A arma repousava no feltro verde do forro. Pegou-a, inseriu uma única bala no tambor e fez posição de disparo apontando para a janela, depois o espelho, depois a janela novamente. Com este movimento, ganhou a medalha de ouro no campeonato nacional argentino de tiro esportivo em 1915. Pensou nos laranjais da distante Andaluzia. Na travessia do Atlântico, ainda menina, com os pais e as duas irmãs mais jovens. Por um momento, hesitou. Respirou fundo ao passar os olhos no quarto. Viu novamente a própria imagem no espelho. Sobre a cômoda, as cartas. A ação do tempo sobre o papel sempre a encantou. Ainda que fosse Angústias, a irmã do meio, a grande leitora da família, quem amava o cheiro, a textura e a cor dos velhos livros. O mesmo acontecia com as correspondências. Mas aquelas tinham o conteúdo da danação.

1º ato

Armando conhecia tudo sobre a natureza da região. Especialmente os pássaros. Conheceu Isabel na *pulperia* de D. José. Sobre o balcão, ovos, batatas e cebolas para a *tortilla*. Ele trabalhava

na estação de trem, do outro lado de Coronel Suarez. Ela chegou com Angústias e Lucía, a caçula ruiva e sardenta. Quando cruzaram o olhar, Isabel estremeceu. Seu indicador contraiu, involuntariamente, o movimento de apertar o gatilho da pistola de tiro. Armando deixou cair o copo de Fernet Branca que bebericava. Semanas depois, começaram a se encontrar no entorno da pequena cidade. Amaram-se em segredo por quase um ano com a cumplicidade solitária do comerciante. Na primeira vez, sangue no feno da cama improvisada. E as falas de Armando sobre as aves da região. Os ciclos de acasalamento e migração, a troca da plumagem, o pio ou grasnar de cada uma delas. E os sons que faziam quando em grande revoada. Como fraturas em movimento. A lembrança da última tarde ainda morava em sua boca de mulher – o amargo da erva-mate, as evoluções da língua, os pequenos terremotos na superfície volátil da pele – quando Armando a procurou com lágrimas nos olhos e a carta de transferência. Deveria se apresentar em dez dias na Quebrada de Purmamarca, perto do Cerro de Siete Colores, na Província de Jujuy, norte do país. Juraram amor sem fim. Armando viajou apertando o endereço da estação de Coronel Suarez nas mãos, local para onde enviaria suas cartas até o reencontro.

2º ato

Isabel esperou três longos anos. Nem uma linha chegou. A década de 1920 avançava, ebulição no mundo, silêncio no sul do planeta. Por cansaço, cedeu aos apelos de Paco, chefe da estação. Entregou-se à ataraxia



possível. Entorpecida, casou. Não desconfiou da complacência do marido com o hímen inexistente. Nada perguntado, nada explicado. Indiferente, noite após noite, pariu Violeta, flor solitária de acalanto, lenitivo da saudade. Seguiu escrevendo com o pseudônimo combinado, Victória del Amor Inmaculado. Angústias levava as correspondências à estação, forma inútil de despistar o triste Paco, que tudo via e era todo muda espera. Postava com o endereço da *pulperia*, para sempre abençoado D. José, que os enxergou, entendeu e acolheu. Eventualmente, a irmã do meio passava na estação para levar doce de leite ao cunhado, quando aproveitava para correr os olhos nos escaninhos da correspondência. Fora a poeira e o vento frio que sopra da Patagônia, o fim do mundo gelado, a grande planície do nada, havia um naco do vácuo. D. José sempre abanava os braços largos em desalento quando perguntado sobre cartas ou telegramas. Ao correr do quarto ano, desistiu. Escreveu a última carta endereçada ao seu amor. Nela, contava da dedicação à filha, sobre como cortava pacientemente os ingredientes e temperos do *puchero*, e das tardes silenciosas e cinzentas em que olhava para o norte, quando uma lágrima, salgada como o Atlântico da meninice, escorria na face dura embalada pelo rumor distante de asas. Violeta era a única flor que exalava perfume e ternura. A vida com Paco era burocrática e afásica. Até a semana em que o marido foi chamado a Buenos Aires para uma reunião de trabalho. Isabel resolveu arrumar seu escritório confuso, uma surpresa, um mimo entre tanto silêncio e resignação. Ao girar a chave do baú, aquela que Paco jamais levava à casa,

deparou-se com centenas de envelopes abertos. As cartas de Victória del Amor Inmaculado para Felipe Torres, o pseudônimo combinado com Armando. E as centenas de cartas dele para ela. Leu todas ali mesmo. Mergulhou nos anos de espera mútua. Na dor que simultaneamente os afastou. E no documento chancelado em que o Ferrocarril Central Argentino acolhia a recomendação de Paco para a transferência do jovem Armando.

3º ato. *continuação. fim.*

Isabel certificou-se de que Angústias havia levado a pequena Violeta à pensão que administrava com o marido. Antes, sob o olhar carinhoso da irmã, amamentou a filha. Quando ambas dobraram a esquina, entrou no quarto de paredes ocre. Alcançou o alto do armário com o auxílio de um banco. Espalhou todas as cartas de Victória del Amor Inmaculado e Felipe Torres na cama. O beijo gorduroso do cano da pistola tocou o topo do seu seio esquerdo. No instante em que seu dedo repetiu o gesto daquela tarde distante, na *pulperia* de D. José, finalmente as asas de todas as aves da pequena Coronel Suarez encontraram, em pleno voo, a fratura. ■

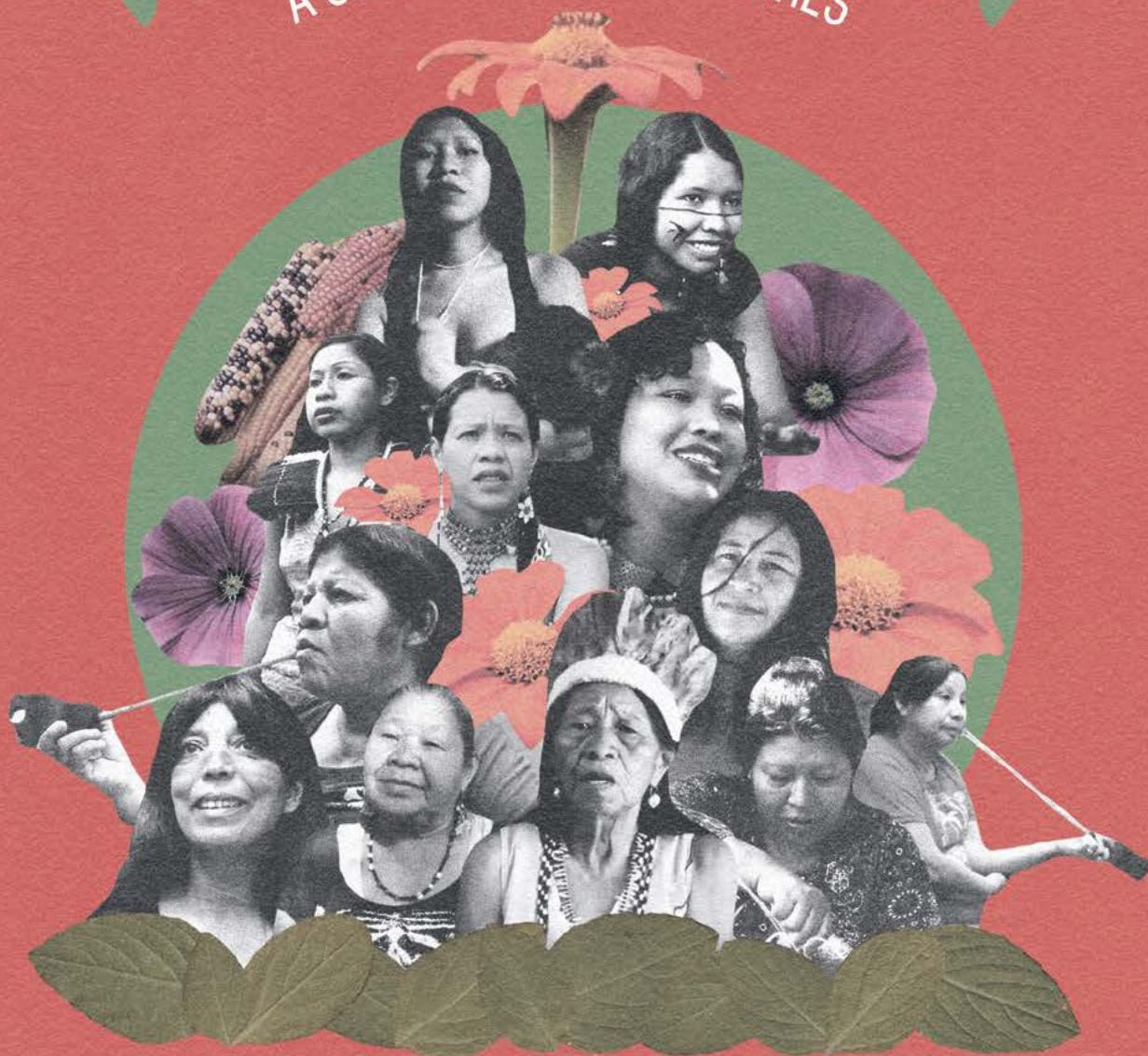
CAÊ GUIMARÃES é escritor e poeta, autor de *Por Baixo da Pele Fria* (poesia, 1997), *Entalhe Final* (conto, 1999), *Quando o Dia Nasce Sujo* (poesia, 2005), *De Quando Minha Rua Tinha Borboletas* (Crônicas, 2010) e *Vácuo* (poesia, 2014). Seu primeiro livro foi lançado na Catalunha como *Per Sota de la Pel Freda* (trad. Joana Castells Savall, 2013). *Encontro Você no Oitavo Round* (Record, 2020) é seu romance de estreia e venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2020.

DH FEST 2021
FESTIVAL DE CULTURA EM DIREITOS HUMANOS
FILME SELECIONADO



KUNHANGUE ARANDU

A SABEDORIA DAS MULHERES



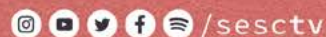
O universo das mulheres guarani em um documentário gravado na **Terra Indígena Jaraguá**, localizada dentro da cidade de São Paulo.

Cinco aldeias revelam a luta para manter sua cultura e o modo de ser Guarani.

Direção de **Cristina Flória e Alberto Alvares**

Dia 19 de abril, 20h

Sesctv



Assista sob demanda em sesctv.org.br
ou consulte sua operadora



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguiinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adenor Domiense, Adriane da Silva Ribeiro, Aline Ribenboim, Ana Paula Fraay, Ana Cristina de Souza, Barbara Caroline de Freitas, Barbara Caroline do Nascimento, Beatriz Falasco, Beatriz Esteves Gomes, Bruna Marcatto, Camila Curaça, Camila Damazio, Camila Medeiros, Carla Monteiro, Carlos Imamura, Carlos Alberto de Oliveira, Claudia Cassia de Campos, Cleber Rocha da Silva, Corina de Assis, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Daniela da Costa Matsuda, Danilo Cava, Danny Abensur, David Sampaio, Diego Lemos, Edmar Junior, Eduardo Freitas, Elisangela Pimenta, Emerson Pirola, Erica Georgino, Estevão Denis, Fabiana de Freitas, Fabiola das Dores, Fernanda Cristina de Oliveira, Fernando de Lima, Flavia Carvalho, Gean Paz, Geraldo Ramos, Gregorio Trevisan, Guilherme Assumpção, Igor Cruz, Ivan da Hora, Jade Stella Martins, Jan Felipe Balanco, Jefferson Alves dos Santos, José Junior, Josie Fernanda Vieira, Jucimara Serra, Juliana Figueiredo Alves, Julius Cesar Gonçalves, Jusileia de Oliveira, Karen Cristine dos Santos, Karla Priscila Carrero, Katia da Silva, Katia Rizzo, Kelly dos Santos, Lidiane de Jesus, Ligia Azevedo Capuano, Lilian de Fatima Camilo, Luciana da Cunha, Luciano Domingos, Lucio Erico Cunha, Mariana Krauss, Marina Reis, Mayra Gregório dos Santos, Milena Piva, Paulo Dias, Patricia Dini, Poliana Queiroz, Rafael Castori, Rafael Peixoto, Rafaela Queiroz de Sena, Renata Maria Celano, Renata Barros, Renato Perez de Castro, Ricardo Carrero da Costa, Roberto Di Stadio Pereira, Sandra Ribeiro Alves, Sidênia Freire, Solange Alboreda, Sonoe Juliana Fonseca, Thais Ferreira Rodrigues, Thais Cristina Kruse, Thiago Zuniga Ferri, Thiago Lins e Wagner Linares

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

Miradas URBANAS

“Cada caminho é um risco”, aponta um lambe-lambe do Coletivo Transverso, colado num poste no bairro de Perdizes, na capital paulista. No bairro de Santa Cecília, no alto do Minhocão, outra frase salta aos olhos: “Eu sabia que você existia”, declara, em letras garrafais, na cor preta, a intervenção do artista e presidente do Parque Minhocão, Felipe Morozini, na empena de um prédio. Já em linhas rosa-choque, o crochê do Coletivo *meiofio* abraça o concreto com “eu te amo você” alinhavado nas grades de um trecho da Rua Pedroso, no Bairro do Bixiga. Com esses encontros artísticos, a cidade ganha novos significados e seus moradores são provocados e sensibilizados, principalmente, hoje, quando a possibilidade de fruição da arte visual significa olhar para o lado ou abrir a janela. Experimente e permita-se a surpresa de mirar diversas expressões da arte urbana pela cidade de São Paulo.



Aqui caberia um poema, Coletivo Transverso e casadalapa / Foto: Zeca Caldeira

COLETIVO TRANSVERSO

“Cada esquina passa a representar a oportunidade do acaso, a chance de encontrar uma resposta, de descobrir novos sentidos, de formular novas perguntas. Andamos pela rua não mais contando os minutos que escorrem de nossos pulsos, mas procurando a poesia que se esconde nos espaços compartilhados”, explica o Coletivo Transverso na página www.coletivotransverso.com.br.

COLETIVO MEIOFIO

“Através de fios imaginários e reais, ligamos presente, passado, pessoas e memórias. Buscamos o valor de elementos ignorados e esquecidos da cidade com o objetivo de construir um futuro viável, acolhedor e convidativo”, define o Coletivo *meiofio* em sua página no [Facebook](#).



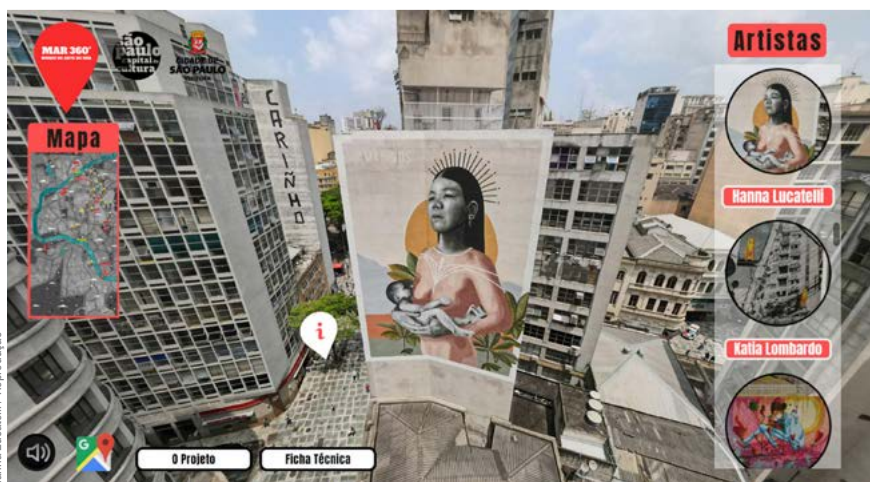
Coletivo meiofio e Sampaipê / Foto: Carol Stoppa

FELIPE MOROZINI

“Lembro de quando comecei a verbalizar minhas frases e depois materializá-las em guardanapos de papel, depois lambes, em camisetas, fronhas, tatuagens, pôsteres, enfim. Hoje, aniversário de São Paulo (25 de janeiro de 2020), eu entrego um mural do tamanho da cidade pra todo mundo saber que sim, eu me vejo em vocês. Num dos lugares mais democráticos da cidade, o Parque Minhocão”, escreveu o artista em sua página [no Instagram](#).



Felipe Morozini



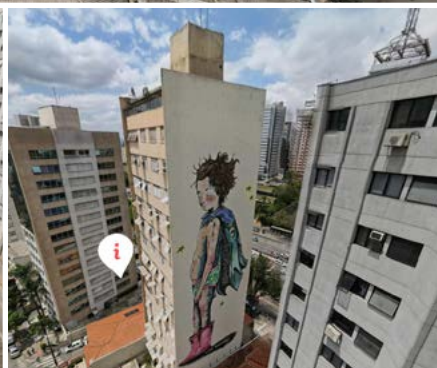
Hanna Lucatelli / Reprodução

MAR – MUSEU DE ARTE DE RUA

O Museu de Arte de Rua é um projeto, resultado da parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura e as subprefeituras, que incentiva o desenvolvimento da arte urbana pelas ruas e avenidas da metrópole, promovendo intervenções. Em 2020, com temática ligada à pandemia da Covid-19 em dois eixos distintos, propostos pela Secretaria Municipal de Cultura, artistas realizaram painéis em empenas de prédios e em muros espalhados pelas cinco macrorregiões da cidade. Mais informações e visita virtual a algumas obras: <https://www.mar360.art.br/>.



Bueno Caos / Reprodução



Luna Buschinelli / Reprodução

Respirar é preciso!

Desde que a pandemia começou, estou em casa, em isolamento. Com duas comorbidades associadas ao aumento do risco para o agravamento da Covid-19, evito ao máximo colocar o pé na rua.

Nas primeiras semanas, sem fazer ideia do que viria pela frente, o medo da contaminação era minha principal preocupação, e ficar em casa me parecia confortável.

Porém, com o passar do tempo e as privações – de ir e vir, sair, encontrar pessoas, reunir a família, viajar, entre outras coisas –, um cansaço estranho tomou conta de mim. E não era só a questão de me adequar ao *home office* e dar conta das entregas necessárias, mas tinha um acúmulo de obrigações com a casa, a família, os estudos, o cumprimento de protocolos, além de todas as notícias ruins pipocando com o agravamento da pandemia.

Tive insônia, crises de ansiedade, ganhei peso. Apareceram dores pelo corpo, e minha saúde e meu rendimento no trabalho remoto acabaram impactados.

Entrei para a estatística. Estudos recentes publicados pela Universidade de São Paulo¹ em conjunto com Universidades de mais dez países, apontam para o comprometimento da saúde mental de adultos no período de confinamento, sobretudo no aumento dos quadros de ansiedade e depressão.

Logo eu, que estudei o lazer a minha vida toda, trabalho nesta instituição que tem o compromisso de garantir seu acesso a tanta gente, e que sei da sua importância para a manutenção da qualidade de vida, estava adoecendo por não olhar com cuidado para o excesso de obrigações durante o isolamento social.

Sem perceber, me esqueci da necessidade de delimitar os tempos de trabalho e descanso, e de buscar, mesmo em minha própria casa, outras vivências, como contemplar as abelhas e borboletas no pé de maracujá do quintal, tomar sol, cuidar do jardim, ler poesia, cozinhar novas receitas para o café da tarde e tantas outras práticas, todas elas consideradas conteúdos

culturais do lazer, propostos por Joffre Dumazedier lá nos idos dos anos 1970.

Impensável para mim. Mas aconteceu. Necessário reconhecer e mudar. E me colocar limites. Expô-los e respeitá-los. Negociar os tempos e desfrutar momentos de lazer.

Comecei por regular os horários de dormir e acordar. Depois veio



Pixabay

a atividade física no quintal. Na sequência, o entendimento de que o trabalho profissional também precisava de um horário para começar e acabar. Então, para “desligar” (ou talvez “religar”), comecei a meditar no término do expediente.

Estar em casa me permitiu recuperar o prazer por outras práticas deixadas de lado pela correria do dia a dia ou pelo costume de considerar lazer somente aquilo que, de alguma forma, fazemos “do lado de fora”, ou compramos e consumimos. Porque lazer não é consumo. É experiência! Para além do que é comercializado, é também descanso, divertimento, e possibilidade de desenvolvimento pessoal pela experiência EM SI.

Desde então, tenho me envolvido com inúmeros pequenos fazeres, e isso tem ajudado a me cuidar.

Claro que sinto falta dos encontros com os amigos, dos shows e espetáculos, da roda de samba aos domingos, das férias na praia.

Mas por ora tenho conseguido a recuperação de meu estado de bem-estar. Noites mais bem dormidas, regulação do metabolismo, perda de peso. Ganho de qualidade de vida em meio ao caos. E mais uma vez o reconhecimento da importância do lazer na minha vida.

Tenho certeza que uma hora isso vai passar. Aquilo que fazíamos “fora” vai voltar. O mais importante é a gente ficar vivo até lá. E para isso acontecer, talvez seja o momento de olhar para “dentro”. E de respirar!

REGIANE GALANTE é gerente adjunta do Sesc São Carlos.

É pós-graduada em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Educação pela UFSCar e doutora em Educação Física pela Unicamp.

¹ Mental health among adults during the COVID-19 Pandemic lockdown: a cross-sectional multi-country comparison. *In*: International Journal of Environmental Research and Public Health. 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/5/2686/htm>.

LANÇAMENTO SELO SESC

GOATFACE!



AKHENATEN BAZUCAS

GUILHERME GRANADO • LEANDRO ARCHELA
THOMAS ROHRER • RICARDO PEREIRA • ROGERIO MARTINS

DISPONÍVEL NAS
PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc

